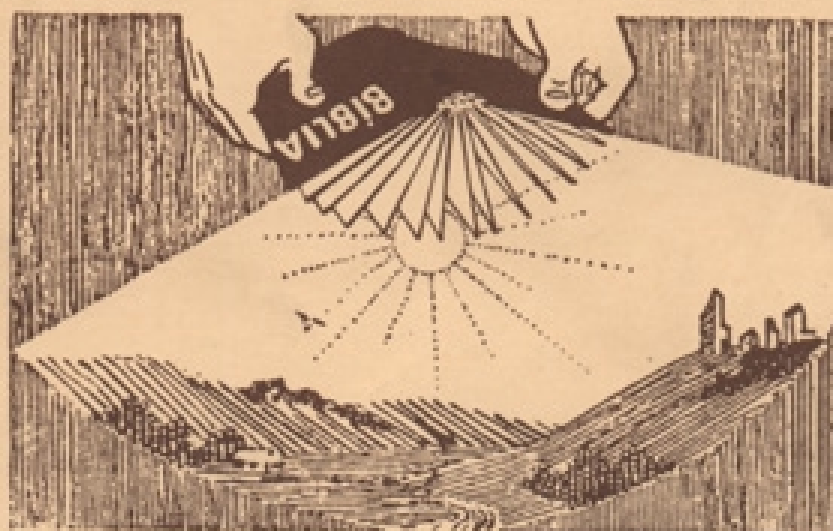


CAMINHANDO COM OS PROFETAS

Elias - Amós - Oséias - Isaías - Miquéias - Jeremias



**PJMP - Pastoral de Juventude do Meio Popular
Nordeste II**

CAMINHANDO

COM

OS PROFETAS

A vida de alguns profetas da Bíblia contada por eles mesmos

Pé. Luís Mosconi

ÍNDICE

1. Apresentação
2. Entrando no tempo e no mundo dos profetas
- 3.0 Profeta Elias
- 4.0 Profeta Amós
- 5.0 Profeta Oséias
- 6.0 Profeta Isaías
- 7.0 Profeta Miquéias
- 8.0 Profeta Jeremias
9. Um resumido retrato falado dos profetas
10. Os Profetas da Bíblia e nós hoje

APRESENTAÇÃO

O presente livrinho contém a vida e a prática de seis profetas do Antigo Testamento: Elias, Amos, Oséias, Isaías, Miquéias e Jeremias. Os nomes deles são bem conhecidos, mas a vida deles talvez nem tanto. Um dos motivos é o fato de a Bíblia falar deles com um linguajar um pouco difícil para nós.

As referências concretas de nomes, de lugares, de situações, de acontecimentos, nos são estranhas e desconhecidas. O jeito de falar também é diferente do nosso. Afinal, eles viveram de 2.600 a 2.850 anos atrás. Muito tempo se passou.

Por outro lado, para entender a prática e a mensagem deles, é fundamental estar bem por dentro do lugar e das situações em que viveram.

De fato, as pessoas humanas, enquanto pessoas, são seres situados no tempo e no espaço. As situações marcam a vida, os sentimentos, as opções das pessoas.

Todo texto escrito é marcado pelas pessoas que o escreveram ou que o viveram antes de ser escrito. O texto, todo texto, nasce de um contexto bem definido e é posicionamento frente ao contexto. Nenhum texto é neutro.

Para facilitar a compreensão da época dos profetas, e da prática deles, resolveu-se apresentá-los em um estilo vivo e imediato. É uma espécie de exegese narrativa, feita na primeira pessoa do singular. Nas versões que seguem são eles mesmos, os profetas, que contam sua vida e sua prática.

Nas versões usam-se expressões e palavras atualizadas, típicas da nossa cultura e da educação popular de hoje. A intenção é ser fiel ao conteúdo do texto o mais possível. Os profetas usaram outras expressões típicas da cultura deles. O importante é tentar traduzir o pensamento e a prática dos profetas na nossa linguagem de hoje. É questão de fidelidade ao texto e de fidelidade ao hoje, para que a Palavra de Deus, presente na palavra e na vida dos profetas, apareça clara o mais possível.

Reconhecemos que isso traz consigo alguns limites. De fato, dificilmente hoje podemos chegar a uma compreensão plena das intenções dos profetas e dos que escreveram a vida deles na Bíblia. É o risco que toda exegese corre. O que nós temos na mão é o texto e não os autores dos textos.

O desafio é dar vida o mais possível ao texto e descobrir aí a Palavra de Deus.

O importante é detectar o fio condutor, as opções fundamentais, as grandes mensagens que atravessam os textos de ponta a ponta. E isso é possível. É preciso pesquisa comunitária, docilidade interior e militância. Sobretudo é preciso colocar-se no mesmo lugar social onde foram vi vendados e escritos os textos: o lugar dos pobres.

A vantagem das versões que seguem é tomar a vida dos profetas mais cativante e perto da vida da gente. São frutos de estudos aprofundados e de vários cursos para agentes de pastoral, para animadores de CEBs e para militantes cristãos.

As versões não substituem o texto sagrado. Pelo contrário, convidam para uma leitura mais atenta e mais viva dos textos.

É importante resgatar a memória dos profetas de Deus. Eles são mensageiros da Palavra de Deus! Eles são companheiros de fé na caminhada da gente. Jesus se inspirou muito na vida dos profetas. Eles foram a sua cartilha permanente; a cartilha que mais rezou.

Pra ser verdadeira, a leitura dos profetas é sempre uma leitura comprometedora. Tira a gente da indefinição. Convida para a militância. Mas não um<i>i</i> militância qualquer. É a militância que vem da fidelidade absoluta e radical ao Deus dos profetas, o Deus libertador dos empobrecidos, oprimidos e marginalizados.

Nas nossas lutas por vida e liberdade para todos, nesse nosso chão sofrido da América Latina, os profetas devem ser inseparáveis companheiros de fé e de esperança.

BOA LEITURA! BOA MEDITAÇÃO!

LEMBRETES:

1. No tempo dos profetas havia outra maneira de contar os anos. Para facilitar, colocamos a contagem comum de hoje: ano tal... antes de Cristo.
2. Alguns textos proféticos - assim nos informa a crítica literária - tiveram acréscimos ao longo dos tempos. Foram discípulos de profetas que acrescentaram. Esses acréscimos estão aí nos mesmos textos bíblicos e eles também são para nós Palavra de Deus. Foram colocados não em oposição aos textos mais antigos, e sim inspirados neles. Alguns destes textos são aproveitados nas versões que seguem.

ENTRANDO NO TEMPO E NO MUNDO DOS PROFETAS

- 1 Os profetas da Bíblia não surgiram por acaso. Não caíram do céu.

(ao viverem fora da história. Eles viveram no tempo e no espaço, em Èterminadas épocas. Brotaram do chão. Do chão sofrido e machucado dos bbres da terra.

- 1 Eles apareceram nos momentos mais difíceis e mais críticos da História do povo da Bíblia. Apareceram quando foi surgindo a monarquia, B reis, a falsa religião a serviço do poder dominante. Profetas e reis são

Interrâneos, mas inimigos declarados.

A monarquia em Israel e Judá existiu nos séculos XI-VI, entre os anos 050 - 587 antes de Cristo. Foram cerca de 500 anos de vida dura, sofrida e oprimida por parte do povo. Foi sobretudo nessa época que apareceram os profetas, "para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar" (Jer 1,10).

Monarquia, na história do povo da Bíblia, é uma triste experiência. Somente três reis ganharam uma certa simpatia: Davi, Ezequias, Josias. Todos os outros foram condenados. Na avaliação da vida deles, feita nos escritos de profetas e de catequistas-levitas que tinham ficado em Judá durante o exílio da Babilônia, corre frequente o triste refrão: "...Fez o mal aos olhos de Javé" (2 Reis 13,11; 15,24; 15,28; 21,2; 21,20;...).

Monarquia significou para o povo uma experiência dura de fome, de opressão, de violência, de dominação, de exploração. Só uma minoria, ligada à corte, teve acesso a muitas mordomias.

I. A estrutura da monarquia

Para entender melhor a ação dos profetas, é importante ter presente a estrutura da monarquia. A base da monarquia foi uma economia tributária. É o chamado modo de produção tributário.

Nesse tipo de economia, a corte se apropriava de boa parte da produção dos camponeses, para sustentar a burocracia do estado e o exército. Fazia isso através de pesados impostos. Os lavradores tinham seu espaço de liberdade. Podiam organizar o tempo como quisessem, porém com a condição de continuar pagando os impostos. Boa parte da produção dos lavradores ia para a cidade, para a corte.

O empobrecimento foi tomando conta das casas e das vilas dos camponeses. Marginalização, fome, opressão eram o pão de cada dia dos homens e das mulheres do campo. A margem de liberdade deixada aos lavradores vai possibilitar importantes movimentos populares de resistência camponesa. Os profetas vão ser a voz qualificada desses movimentos populares.

Nesse modo de produção tributário, o campo é visto em função da cidade. Na cidade moram o rei, os da corte, os fiscais, os chefes militares, os operários especializados, os comerciantes, os sacerdotes do templo, os escribas e os sábios da corte. É muita gente que vive às custas do homem de campo.

Há conflitos entre roça e cidade, entre moradores do campo (lavradores meeiros, assalariados, pequenos proprietários, escravos...) (

moradores da cidade. Na sociedade do tempo da monarquia há luxo (desperdício de um lado e fome do outro lado. É luxo na cidade e fome no campo. Os pesados impostos arrecadados no campo não são reinvestido! em favor do campo. Quanto mais altos os impostos, mais luxo na cidade e mais fome no campo. Os profetas vão atacar duramente o luxo das cidade (Amos 4,1; Isaías 3,16-24).

A monarquia, para se sustentar, vai usar a religião. Constrói templo; (Amos 7,13). Faz aliança com falsos sacerdotes (Amos 7,10; Oséias 5,1) (mantém falsos profetas (1 Reis 18,19-20; Miquéias 3,5-8.11). Nos palácios do rei falsos profetas e falsos sacerdotes têm entrada livre. Sentam nas mesas fartas da corte. Se prostituem. Enganam o povo.

Javé, o Deus libertador dos pobres, é reduzido a um deus qualquer. Sua presença é totalmente esvaziada, falsificada. A religião vira negócio de rito, de rezas vazias (Is. 1,10-16). É a idolatria se afirmando e avançando. A monarquia vai ser a negação da experiência tribal. Foi uma experiência vivida pelo povo durante a época das tribos (anos 1.200 "1.050 antes de Cristo). Na época tribal não havia impostos pesados, não havia burocracia e exército profissional). Os lavradores podiam dispor dos seus produtos. Javé era de verdade o Deus das tribos, da organização igualitária (Josué 24,14-28).

A vida tribal ficou gravada na memória dos camponeses. O grande sonho deles, sobretudo nos momentos mais difíceis, será "voltar às tendas" à experiência tribal (1 Reis 12, 16; Oséias 12, 10;...). Os profetas serão os

porta-vozes mais corajosos, a memória ambulante dessa experiência inesquecível.

2.0 profeta Elias

É nesse contexto de estado monárquico, de militarismo, de exploração dos lavradores através de pesados impostos, que se levantam os profetas denunciando, gritando, abrindo caminhos de esperança e tornando presente e atual o rosto do Deus verdadeiro, Javé.

ELIAS viveu no século IX antes de Cristo. Profetizou por volta dos anos 850 a.C., no reino do norte, durante o reinado de Acab. Lavrador, natural de Tesbi (1 Reis 17, 1), Elias foi um catequista itinerante. Seu lugar

de referenda eram os pequenos santuários do interior. O berço da sua profecia foi a vida dura dos lavradores injustiçados, tomou a defesa deles em suas lutas pela posse da terra. Sua grande briga foi com o rei Acab, com a sanguinária rainha Jezabel e com os falsos sacerdotes de baal. Baal era a divindade usada para sustentar a dominação, os tributos, a exploração dos lavradores. Foi um ferrenho batalhador contra a idolatria usada pelo palácio para dominar os camponeses e as camponesas.

3. Os profetas do século VIII a.C: Amos, Oséias, Isaías, Miquéias

O século VIII é a época de ouro do profetismo. Nesse período há um salto de qualidade na profecia. Elias atacou mais os abusos da monarquia. Os profetas deste século atacam não somente os abusos e sim o mesmo sistema, a mesma estrutura da monarquia.

A monarquia, o estado tributário é o vômito de Javé! (Oséias 13,11).

Javé quer a destruição do palácio opressor, da monarquia, e em lugar do palácio plantar uva para a alegria do povo da terra (Miquéias 1,6). Nesse século há uma grande virada no cenário internacional e nacional.

Na primeira metade do século (800 - 750 a.C.) há uma política expansionista generalizada entre os países do Oriente Médio (Amos cap. 1 e 2). Também o reino de Israel e o reino de Judá estão nesta onda expansionista (2 Reis 14,22.25). Todos querem se expandir, para cobrar pesados tributos nas regiões conquistadas, para vender seus produtos e para controlar melhor as rotas comerciais e militares.

Nessa onda expansionista surge uma nova classe rica: os

COMERCIANTES: Há muito comércio nacional e internacional. Há muitos

- 9 -

produtos circulando. Quem paga esse "milagre económico" são os camponeses roubados e expoliados. Há um empobrecimento generalizado usando para isso o exército, a religião e a máquina do Estado.

Na segunda metade do século se consolida uma nova potência mundial: a ASSÍRIA. Os exércitos assírios provocam instabilidade entre os países menores do Oriente Médio. Há muitas guerras, muitas mortes, muitos saques nas roças dos camponeses. Aumenta desesperadamente o

número de órfãos e de viúvas. Muitos homens morrem nas guerras ou por consequência das guerras.

Em 721 a.C. os exércitos assírios conquistam e anexam ao império deles o reino de Israel, lá do Norte. Israel desaparece do mapa. Também o reino de Judá é atacado pelos exércitos assírios. Jerusalém, a capital, conseguiu sobreviver "como choça e vinha" (Is. 1,8), mas o interior de Judá ficou arrasado. Milhares de pessoas são mortas ou deportadas para a Assíria.

No entanto o Egito nunca desistiu das suas aspirações imperialistas.

Vai insuflando países pequenos, como o reino de Judá, a se revoltar contra o domínio da Assíria, prometendo mil ajudas. E isso foi dividindo mais ainda as lideranças políticas e militares do reino de Judá.

No meio desta pesada situação surge resistência. A resistência se consolida sobretudo no meio dos camponeses roubados, explorados e massacrados. Há a experiência da dor partilhada entre eles. E dor partilhada gera consciência. Cria laços, une, organiza, dá força.

Surgem movimentos populares de resistência. É no meio dessa resistência que aparece o escrito do Deuteronômio, capítulos 12 a 26.

Deuteronômio é bandeira de luta deste movimento. É chamado forte a uma fidelidade renovada a Já vê, o Deus libertador da escravidão do Egito, o Deus da vida e da liberdade.

Os profetas são porta-vozes desses movimentos de resistência. Amos e Oséias atuaram no reino do Norte. Isaías e Miquéias no reino do Sul, Judá. Amos profetizou de um a dois anos, em torno de 760 a.C. Oséias atuou de 755 a 720 a.C. Isaías atuou em Jerusalém, capital de Judá, de 740 a 701 a.C. Miquéias profetizou de 725 a 701. As datas são aproximativas.

Amos foi um simples camponês, Oséias um catequista-levita do interior. Miquéias foi um líder camponês da aldeia dele e catequista da roça.

e empobrecidos por duros impostos e humilhados pelas elites dominantes. Isaías tomou a defesa dos órfãos e das viúvas das periferias de Jerusalém. Isaías é o caso raro de uma pessoa da alta sociedade que rompe com ela e passa para o lado dos pobres da cidade e do interior.

Os profetas atacam, cada um do seu jeito, os males pelas raízes. E raízes eram a monarquia, os pesados impostos, o exército, a idolatria, o templo da cidade. A infidelidade a Javé, o culto falso e hipócrita, a traição à Aliança estão na base de toda dominação e exploração.

4. O profeta Jeremias

O profeta Jeremias atuou no século VII, de 630 até 585 mais ou menos. Ele era do interior mas atuou muito como profeta na capital, Jerusalém. Viveu numa época dramática.

Nessa época há três potências brigando pelo controle dos países pequenos e pelo domínio de um sobre o outro: Assíria, Babilônia e Egito. No fim, Babilônia prevalece. Em 612 a.C. Babilônia destruiu Nínive, capital assíria, tomando-se assim a nova grande potência.

O reino de Judá sofre constantes ameaças por ser um lugar estratégico muito importante. É um reino muito cobiçado pelas grandes potências. Por causa das pressões internacionais e de interesses internos sujos, há brigas dentro do país de Judá. Surgem três partidos: um pro-assírio, outro pro-Egito e o terceiro pro-Babilônia. Há guerras civis internas, há revoltas, muito sangue inocente é derramado.

Há também a experiência interessante do reinado de Josias (640-609 a.C.). Suas reformas porém, são mais de tipo religioso-ritualista de que social. Não faltaram resistências. No tempo do sanguinário rei Manassés (687-642 a.C.), levitas e camponeses resistiram, mantendo viva a possibilidade de uma alternativa no poder. São eles os autores do Deuteronômio, capítulo 5-11. Também Provérbios 28-29, escritos por lideranças populares das aldeias do interior, são fruto de incentivo para a resistência.

Jeremias viveu no tempo do rei Josias e nos últimos anos da existência do reino de Judá. Assistiu ao drama terrível da destruição de Jerusalém em

597 e dez anos depois, em 587 a.C. Viu muita gente, a parte mais nobre da

11

ddade de Jerusalém, ser deportada para Babilônia. Viu muitas pessoas serem mortas, massacradas, torturadas pela fome e pelos soldados da Babilônia.

O livro das LAMENTAÇÕES são o retrato fiel daquela época dramática. Elas são liturgias de dor coletiva celebradas, pelos que tinham ficado em Judá, sobre as ruínas de Jerusalém.

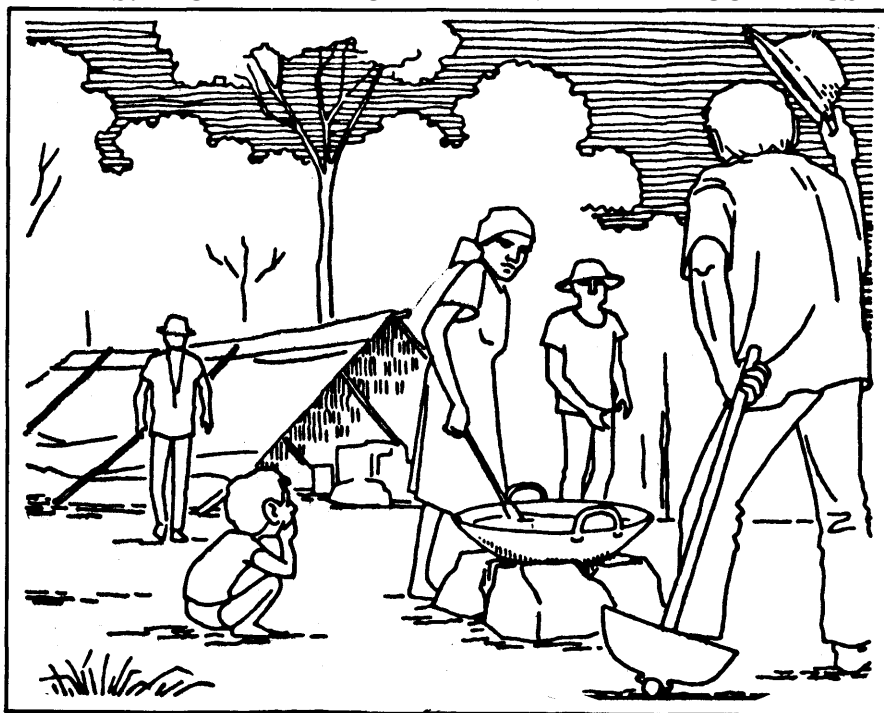
Jeremias denunciou os jogos sujos da corte. Desmascarou a falsa religião, as alianças enganadoras, os abusos do poder. Foi muito perseguido. Nas horas difíceis, sentiu-se sozinho. Sua vida marcou profundamente a consciência do povo. Jeremias, embora enxergasse nos exilados a esperança do futuro, não quis ir para o exílio. Preferiu ficar junto aos camponeses, nas redondezas de Jerusalém destruída.

Pouco ou nada sabemos do fim da vida dos profetas. Parece que o povo da Bíblia não estava muito interessado em recordar isso. Vários profetas foram assassinados (Jer. 2,30). Segundo uma tradição antiga, Isaías teria sido vítima da fúria sanguinária do rei Manassés (2 Reis 21,16). Fugindo por causa das perseguições, teria se escondido dentro de uma árvore oca. Descoberto, foi serrado no meio. Neste caso foi assassinado aos 70 anos.

Quanto a Jeremias, ele foi levado ao Egito por um grupo de revoltosos, que, temendo represálias dos babilônicos, fugiram para lá (2 Reis 25,26). E lá provavelmente morreu.

As versões que seguem nos convidam a entrar no tempo e no mundo dos profetas. É como se estivéssemos lá, olhando, acompanhando, contemplando caladamente o desenrolar da vida e da prática deles dentro das situações duras e difíceis vividas por eles.

Realmente, vale a pena conhecê-los mais de perto, gravar o mais possível a memória deles.

ELIAS: PROFETA DA LUTA E DA INTIMIDADE COM DEUS**01 - MINHA IDENTIDADE**

Meu nome é Elias, palavra que em nossa língua significa "*Javé é meu Deus*". Nasci em Tesbi, uma pequena vila do interior do reino de Israel. Daí o meu apelido de Tesbita (1 Reis 17,1; 2 Reis 1, 3-8). O povo camponês, de minha região, vivia fiel a Javé, o nosso Deus Libertador. As tradições antigas, que falavam da época em que o povo vivia organizado em sociedade igualitária, eram fortes e vivas. Isso marcou muito a minha vida. Eu também era lavrador e me tomei catequista. Nunca gostei da capital e nunca participei dos banquetes do palácio do rei (1 Reis 18,19). Lá dominava a idolatria e a exploração. Quando eu ia lá era só pra brigar. Vestia roupas grosseiras (2 Reis, 8), comia daquilo que a natureza oferecia (1 Reis 17,4-6)

ou daquilo que os pobres partilhavam (1 Reis 17,11-16).

02 - A SITUAÇÃO NO MEU TEMPO

Vivi numa época difícil. A idolatria e o latifúndio estavam tomando conta do país, criando muita miséria, opressão e conflitos. O rei era Acab. Seu pai foi chefe dos exércitos de Israel (1 Reis 16,16). Aproveitou de uma situação de muita confusão (1 Reis 16,8-16) para tomar o poder (1 Reis 16,17-22). Construiu a nova capital, Samaria (1 Reis 16, 23-24). O filho de Acab consolidou o poder. Na nova capital, Acab construiu um palácio grande e luxuoso (1 Reis 22,39). Construiu também uma casa bonita de verão, em Israel, um lugar muito fértil e verde (1 Reis 21,1). Construiu e fortificou outras cidades (1 Reis 22,39; 1 Reis 16,34). Fez uma aliança com o rei de Tiro e para firmar essa aliança Acab casou com a filha do rei de Tiro, de nome Jezabel (1 Reis 16,31).

Houve um grande desenvolvimento económico no meu país: grandes palácios, construções e bastante comércio. Mas tudo isso às custas dos camponeses. De fato, para realizar essas grandes obras, o rei precisou de muita mão-de-obra barata, material de construção e alimentos. Além disso, havia o exército do rei que exigia muitos recursos. Todo o peso do progresso, da organização burocrática e militar ficou em cima de nós, camponeses. O sofrimento e a fome eram grandes, sobretudo nos tempos da seca (1 Reis 18,2). Além disso, nós camponeses, não tínhamos nenhuma proteção. Quem mandava e desmandava era o rei. O rei tomava as nossas terras, nossos produtos, nossos filhos. Mandava matar camponeses para alcançar melhor o que queria.

Ele e sua esposa se achavam os donos da vida e da morte do povo (1 Reis 21,1-17). Eles contavam com o apoio dos ricos e dos chefes militares

(1 Reis 21,8 e 2 Reis 1, 9-11).

Tudo isso foi criando tensões e conflitos entre nós, os moradores do campo, e os moradores da cidade, que eram o rei, os chefes militares, os

comerciantes e os sacerdotes. A cidade, para nós, tomava-se sempre mais símbolo da opressão e exploração.

03 - A IDOLATRIA DOMINAVA O PAÍS

Além disso, havia outro problema muito sério. Era o culto a deuses falsos. Esse problema vinha de longe, desde o tempo da vida das tribos. Mas foi Salomão que abriu as portas a essa idolatria. Ele permitiu e favoreceu o culto aos deuses estranhos e assim, no país, havia uma mistura e confusão muito grande.

Um bom grupo de camponeses continuavam firmes a Javé, o nosso deus libertador (I Reis 19,18).

E outros, sobretudo os da cidade, seguiam deuses falsos e a maioria do povo ficava nem cá nem lá. Era uma mistura de tudo (I Reis 18,2).

Com Acab a confusão religiosa e a idolatria foi engrossando. De fato Jezabel, sua esposa, era uma missionária da religião do deus Baal. Baal era uma divindade pagã que dava todo o apoio à política opressora do rei. Baal era a divindade da cidade e seu templo ficava perto do palácio do rei. Era a religião oficial da corte. Era portanto uma religião que sustentava um sistema injusto e opressor.

Jezabel, impôs o culto a baal em todo país. Para conseguir isso, trouxe da terra dela. Tiro, 450 fanáticos do culto a baal (I Reis 18,19). Além disso, havia outros 400 falsos profetas ligados às ordens do rei Acab (I Reis 22,6).

Esses missionários fanáticos, propagandistas de baal, tinham toda mordomia no palácio real (I Reis 18,19).

Jezabel, para alcançar seus objetivos, foi perseguindo cada vez mais os fiéis a Javé, o nosso Deus, o Deus defensor dos pobres. Foi uma perseguição muito grande (I Reis 18,4.13; 19,10-14).

Javé era apresentado como um deus qualquer, um baal entre tantos.

Essa situação de perseguição fez com que muitos obedecessem cegamente

(1 Reis 1, 9-11).

A situação não estava boa. O conflito era claro, entre ricos e pobres, entre os que se aproveitavam e os que eram explorados, entre os camponeses e os que moravam na cidade. Nós camponeses, éramos as vítimas da situação. Os da cidade inventaram a religião de baal para dominar melhor. Samaria, a capital, onde as maiores construções eram o palácio do rei e o templo de baal, era o símbolo de toda opressão. O sistema da sociedade igualitária, criada 3 séculos antes pelos nossos antepassados, estava totalmente quebrado.

Como já disse, nem todos se entregaram aos mandos do rei. Sempre houve semente de resistência, que guardava viva a memória de Javé e da sociedade igualitária. Lembro, por exemplo, de Abdias, o empregado do rei, que escondeu e salvou a vida de 100 profetas de Javé com o risco da própria vida (1 Reis 18,13). Lembro muito também de Nabot, o lavrador que teve a coragem de resistir às ganâncias do rei. Nabot, fiel às leis do tempo da sociedade igualitária que proibiam a venda de terra para evitar o latifúndio, se negou a vender sua terra ao rei.

A terra para nós é de Deus. Ela é dom de Deus e deve ser usada para o sustento da família e das comunidades. Sendo a terra de Deus, nós todos somos posseiros. Terra, segundo nossas tradições, não é para fazer negócio, mas para servir à vida dos camponeses.

Nabot pagou caro sua recusa ao pedido do rei. Foi morto covardemente. Mas a morte dele se tomou para nós símbolo de luta e de resistência (1 Reis 21,1-6).

Lembro-me também dos RECABITAS, pessoas andarilhas que viviam no interior, fiéis a Javé e muito contrárias à religião de baal (2 Reis 10,15-17).

Havia outros profetas de Javé que viviam perto de Betei (2 Reis 2,3) e perto de Jericó (2 Reis 2,5). Havia também sete mil pessoas que não tinham dobrado o joelho diante dos deuses falsos (1 Reis 19,18). Então, os que resistiam ao rei e à religião de baal eram gente pobre, desconhecida e em sua

maioria viviam no campo. Sim, era no meio dos camponeses que se vivia a fidelidade a Javé e se mantinha viva a memória da sociedade igualitária. E foi no meio dos camponeses que nasceu a resistência contra o estado

17

opressor e explorador.

04 - MINHA ATUAÇÃO

Como já disse antes, eu era um catequista do interior. Havia tantos outros. Encontravam-nos bastante nos pequenos santuários espalhados pelo interior. Um bom grupo de nós estava decidido a tudo pra não trair Já vê e ao modelo da sociedade para enfrentar a ganância do Estado e os deuses falsos que sustentavam toda aquela situação injusta.

Javé, o nosso Deus, tomou conta de minha vida. Sua Palavra foi dirigindo minha vida (1 Reis 17,2-8; 18,1; 19,9-15; 21,17-20). Era impossível, para mim, ficar calado. O amor a Javé e aos pobres me empurrava (1 Reis 19,10-14). Parti para a ação.

Certo dia, eu fui ao palácio do rei, me apresentei como servidor de Javé e disse para ele: "vai ter uma grande seca" (1 Reis 17,1). Veio a seca, uma seca terrível e durou 3 anos (1 Reis 18,1).

Baal, o deus que Acab tinha aceitado no lugar de Javé, era o deus da fertilidade, da chuva. A seca foi um desafio grande para ele. Foi a prova que baal, o deus da chuva, é um deus de nada.

Inspirado pelo Senhor, eu fui parar junto de um pequeno córrego d'água para não morrer de sede. Passei lá vários dias. O Senhor não me deixou faltar pão e carne. Javé, o nosso Deus, protege os pobres (1 Reis 17,2-7).

Quando o córrego secou, fui para a região de Sidônia, num pequeno lugar chamado Sarepta. Também lá a seca era grande, apesar de baal ser o deus principal daquela região. A fome dominava o país. Hospedei-me na casa de uma viúva, mãe de um menino. Foi uma mulher de coração generoso. Ela partilhou comigo o pouco pão que ainda tinha. O menino dela adoeceu e morreu, a viúva sofreu muito por causa disso. Eu rezei ao Senhor.

Tinha certeza que Javé, o nosso Deus, não abandonaria os pobres que clamam por Ele. Javé devolveu a vida ao menino. Imaginem a alegria da mãe (1 Reis 17,8-34). Sim, Javé, o nosso Deus, é o defensor dos pobres, dos sem-proteção. Baal é o oposto, é um opressor, é um deus que só legitimava a opressão e a dominação, é um deus insensível e indiferente ao sofrimento dos pobres. Enquanto o povo passava fome por causa da seca, o rei Acab só se preocupava com os seus cavalos e burros (1 Reis 18,5). Quer dizer, ele só se preocupava com o poder, com seu exército e com os seus negócios e

18

lucros. Javé, o nosso Deus, veio ao encontro do sofrimento do povo e foi acabando com a seca. Eu fui avisar o rei do fim iminente da seca pra dizer também que isso era por obra de Javé e não obra de baal (1 Reis 18,1).

a) CONTRA OS FALSOS DEUSES

O encontro com o Rei Acab foi tenso e rápido. Ele me recebeu mal, acusando-me de homem de desgraça e inimigo do reino. Eu respondi logo, na cara dele: "O homem de desgraça não sou eu, mas tu e tua família, porque abandonaste Javé, o Deus verdadeiro, e correste atrás de deuses falsos" (1 Reis 18,17-18).

E aproveitei para lançar-lhe um desafio sobre quem é o Deus verdadeiro: se Javé ou baal. Acab aceitou. Combinamos que isso fosse no monte Carmelo, na presença de muita gente. Claro que para mim, isso não era só questão de briga religiosa. Por baixo deste desafio, estavam em confronto dois sistemas de vida: o sistema dos Reis apoiado pelo deus baal e o sistema igualitário dos camponeses fiéis a Javé.

Deu muita gente. Apareceram todos os 450 falsos profetas de baal.

Dos profetas de Javé só estava eu. Rezei muito ao Senhor, para que desmascarasse a idolatria e o engano dos ídolos e assim, o *povo* pudesse voltar de novo a ser fiel. O Senhor ouviu o meu apelo. A religião dos baals ficou desmoralizada e morreram todos os falsos profetas de baal (1 Reis 18,20-40). O confronto valeu para dizer que baal é um deus de nada e que os seus fanáticos seguidores estão destinados ao fracasso e a morte.

Quando a rainha Jezabel soube disso, ficou furiosa e mandou dizer que iria matar-me. Eu fiquei com medo e fugi. Durante a fuga, o desânimo e o desespero tomaram conta de mim. Pedi ao Senhor que me tirasse a vida, porque não aguentava mais. Mas o Senhor que é o Deus da vida e o defensor dos pobres, foi me animando e alimentando. Então, senti o desejo de passar uns tempos de profunda intimidade com Javé. Fui ao monte Sinai, lugar sagrado da nossa história, lugar onde os nossos antepassados fizeram aliança com Javé e onde começaram a organizar-se de maneira igualitária. Andei sozinho 40 dias e 40 noites. Chegando, pousei numa caverna. Minha busca de Deus era grande. E Javé foi se revelando a mim não no terremoto ou no trovão, mas numa brisa leve e suave. Rezei muito. Eu disse a Javé que estava apaixonado por Ele e pela organização fraterna do povo. Disse também que estava me sentindo muito só e que estava sendo muito perseguido (I Reis 19,13-14).

19

Já vê me animou, ele deu forças e me disse que a hora era de luta e que eu devia voltar à luta. Obedeci ao convite de Javé. Durante o caminho de volta, me encontrei com o lavrador Eliseu. Pedi a ele para vir comigo e lutar juntos pela fidelidade do povo de Javé. Eliseu aceitou, largou a roça, me seguiu e a partir daquele momento, fomos grandes companheiros de luta (I Reis 19,19-21).

b) CONTRA O LATIFÚNDIO

Houve um fato que me revoltou muito. Nabot tinha uma pequena posse perto do palácio de verão do rei Acab, num vale muito bonito e fértil. Nabot era um lavrador fiel a Javé e às nossas tradições antigas. Uma dessas tradições antigas e sempre atuais era que a terra é de Deus e que nós somos posseiros. Vender a terra, portanto era como trair a Javé. O rei Acab gostou muito da posse bem cuidada de Nabot e quis comprá-la, Nabot se recusou. Acab ficou triste e queixou-se com a esposa, a perigosa e sanguinária Jezabel, que para agradar ao marido e para se livrar dos fiéis a Javé, organizou a morte de Nabot com o apoio dos ricos e dos chefes da cidade. Nabot foi morto e apedrejado (I Reis 21,1-16). Eu fiquei muito revoltado. Outros fatos parecidos estavam acontecendo, aumentando assim o latifúndio e o empobrecimento dos camponeses. Fui direto ao palácio de Acab e falei logo: "Tu és um assassino e um ladrão! Escuta o que

o Senhor diz: Tu vais morrer assassinado e os cachorros irão beber teu sangue!" (1 Reis 21,17-19). Falei mais ainda: "Tu abandonaste Javé, o Deus verdadeiro. Por isso, estão acontecendo todas essas desgraças e injustiças. Javé vai fazer justiça. Os opressores e exploradores vão morrer todos. Também Jezabel, tua esposa, será morta e o seu corpo será comido pelos cachorros!" (1 Reis 21,20-34).

O rei Acab morreu uns tempos depois, durante uma violenta batalha contra um rei vizinho. Cachorros beberam seu sangue (1 Reis 22, 34-38). Mais tarde Jezabel também morreu e seu corpo foi comido pelos cachorros (2 Reis 9,30-37).

05 - MINHA VIDA NO MEIO DOS CONFLITOS

Como já disse, minha grande paixão era servir a Javé e manter vivo e atual no meio do povo, os tempos bons da sociedade igualitária (1 Reis 19,14). Viver isso no meu tempo, onde a idolatria e o latifúndio acabavam com o povo, significou tomar posição clara e entrar em conflito com tudo quanto era contra à vontade de Javé.

20

Tomei posição contra o rei Acab que trocou Já vê por baal e transgrediu a Aliança (1 Reis, 18,19). Fui contra a rainha Jezabel, mulher fanática e sanguinária (1 Reis 21,23). Desmascarei e lutei contra os falsos profetas que sustentavam o governo injusto de Acab e Jezabel (1 Reis 18,40).

Coloquei-me decididamente ao lado dos pobres e dos sem proteção.

Assumi a defesa de Nabot, lavrador assassinado covardemente por causa de sua luta contra o latifúndio (1 Reis 21,18-19). Fui a favor de Abdias, o empregado do rei que, com o próprio risco de vida, escondeu e defendeu os profetas fiéis a Javé (1 Reis 18,7-15).

Convoquei uma Assembleia popular para desmascarar publicamente a ideologia opressora dos baals e para alertar o povo que tinha sido confundido e enganado pela propaganda oficial dos falsos profetas (1 Reis 1,20-21.39).

Ser porta-voz de Javé, numa situação marcada pela mentira e pela ganância, não é fácil. Fui perseguido e ameaçado de morte várias vezes (1 Reis 19,1-2). A polícia do rei me perseguiu em todo o canto do país (1 Reis

18,10). Uma vez fui intimado a comparecer diante do rei (2 Reis 1,9-11). Tive que fugir e me esconder várias vezes (1 Reis 17,3;19,3).

Meu relacionamento com o povo do poder sempre foi tenso e às vezes dramático. Tínhamos opções e interesses diferentes. Tive boa acolhida no meio dos pobres: com a viúva de Sarepta, com Abdias e com outros também.

06 A FORÇA QUE FAZ CAMINHAR

A oração foi a força que me sustentou na caminhada. Rezava muito.

(1 Reis 17,21-22; 2 Reis 1,10-12; 1 Reis 18,36-38). Rezar, para mim, significava entrar na intimidade com Javé, Deus da vida. Deus dos pobres. Significava olhar para a vida e as situações da vida, com o mesmo olhar de Javé. Para alimentar minha força da força de Deus, fui para o deserto (1 Reis 17). Fui até o monte Sinai, o monte de Deus, lugar sagrado e importante na história. Fui lá para reencontrar-me com o nosso Deus que tirou os escravos do Egito e fez com eles a Aliança revolucionária, que devia marcar para sempre a caminhada do povo (1 Reis 19,3-8). Eu senti necessidade de passar tempos na solidão do deserto (1 Reis 17,3; 19,8-10), e das montanhas (2 Reis 1,9), para me reencontrar sempre com Javé. Como consequência disso e por causa da minha opção pelos pobres pelos lavradores expoliados, sempre levei uma vida pobre. Vestia roupas grosseiras (2 Reis 1,8), me alimentava daquilo que

21

a natureza oferecia (1 Reis 17,4-6) ou daquilo que os pobres partilhavam (1 Reis 17,11-16). Meu convívio era no meio dos pobres (1 Reis 17,9-12). Nunca quis comer da mesa da Rainha Jezabel como faziam os falsos profetas (1 Reis 18/19). Nunca quis ser profeta do palácio do rei.

07 - O DEUS EM QUEM SEMPRE ACREDITEI

O Deus em quem sempre acreditei é Javé, o único Deus libertador, o Deus protetor e defensor dos pobres, dos lavradores expoliados.

É o Deus que tirou nossos antepassados da escravidão do Egito e fez aliança com eles (1 Reis 19,10-14).

É o Deus que se deixa encontrar no silêncio, na brisa suave e leve, lá nas montanhas ou no deserto.

É o Deus da intimidade que fala ao coração (1 Reis 19,13-14).
É o Deus que alimenta e dá coragem (1 Reis 19/17).
É o Deus que não tira da luta, mas pelo contrário, exige um engajamento político sério e corajoso (1 Reis 19,15-16).
Eu sempre procurava viver na presença de Deus (1 Reis 17,1; 18,15).
Deus tomou conta de mim e me coloquei à disposição de Deus para qualquer momento e qualquer serviço (1 Reis 18,12; 2 Reis 2,16).
Sentia-me realmente conduzido por Javé. Procurei ser o homem de Deus que fala as palavras de Deus (1 Reis 17,24).

E isso significou para mim entrar de cheio nas lutas em defesa dos pobres e do povo abandonado. Particpei ativamente da vida política nacional. Fidelidade a Javé e engajamento político em defesa dos pobres sempre foram para mim as duas faces da mesma medalha. Não se pode separá-las. Minha luta em favor do povo me levou a procurar Deus no monte Sinai e o reencontro com Deus no monte me devolveu mais ainda para a luta (1 Reis 19,1-14).

Realmente posso dizer, agradecido e reconhecido, que eu sempre procurei viver apaixonado por Javé e pela sua vontade (1 Reis 19,1-14).

ENTREVISTA COM ELIAS

- 01 - Elias, quem é você ? (1 Reis 17,10).
02 - Elias, como era a situação no seu tempo ? Quais os maiores problemas que haviam ? (1 Reis 18,17-20; 1 Reis 21,1-16).
03 - Elias, como foi tua atuação diante dos deuses falsos ? (1 Reis 18,17, 40-40). E diante dos problemas da terra ? (1 Reis 21,17-24).

22

- 04 - Elias, sofreste perseguições ? Por parte de quem ? E por qual motivo ? (1 Reis 18,10; 1 Reis 19,1-2).
05 - Quem é o Deus em que você acreditou? Qual o seu rosto? (1 Reis 17,20-22; 1 Reis 18,38).
06 - Elias, qual a mensagem que queres deixar para nós ? (1 Reis 19,3-17).

ELIAS E NOS HOJE

1. O que mais lhe tocou do profeta Elias ? por quê ?
2. Elias era do interior. O povo da cidade era mais ligado ao poder da ideologia dominante. Também hoje nas cidades é mais difícil seguir ao Deus verdadeiro ?
3. Elias sofreu muitas perseguições. Alguém de nós já sofreu alguma perseguição por causa da defesa dos pobres e da fidelidade ao Deus verda-

deiro ? Como enfrentou ? Elias tem algo a nos dar neste sentido ?

4. Na hora das perseguições, Elias buscava forças na Oração. A gente tem costume de fazer isso ? Quem tem alguma experiência sobre isso ?

5. Quais as lições que podemos aprender de Elias ?

6. Agente conhece alguém hoje parecido com Elias ?

23

AMOS, O PROFETA CAMPONÊS, DEFENSOR CORAJOSO EM NOME DE JAVÉ DOS CAMPONESES EXFOLIADOS



01 - MINHA IDENTIFICAÇÃO

Eu me chamo Amos, nome que em nossa língua significa: "*Deus sustenta*"⁷. Nasci em Técoa, uma pequena vila do interior, distante 30 Km de Jerusalém a capital do nosso Estado Judá. Lá me criei, cresci trabalhando na roça e criando um pouco de cabras e ovelhas (1,1; / 7,14). Tinha uma horta bonita que dava bastante fruta e verdura.

Todos nós, os moradores de Técoa, éramos gente pobre, como também a maioria dos habitantes de todo país. Nossas casas eram de pedras irregulares e tinham somente um quarto. A gente dormia no chão ou na esteira. A comida era pão feito em casa, leite e queijo de cabra e frutas da roça. Carne, a gente comia só de caça ou quando se matava alguma criação.

02 - A SITUAÇÃO DO MEU POVO

Vou contar para vocês como era a situação no meu tempo.

- No plano internacional: Estava dispondando uma nova potência. A Assíria tinha exércitos poderosos e onde eles chegavam dominavam tudo e obrigavam os povos a pagar pesados tributos. Outro país com ganância de dominar era o Egito. O resto eram reinos pequenos, como por exemplo: o meu país Judá, ou o reino de Israel, o reino de Damasco, de Tiro e de Amon. Muitos países pequenos tinham que pagar pesados tributos à Assíria. A situação interna nesses países não era boa. Além de pagar a Assíria pesados impostos com o suor dos camponeses, havia ódio entre um país e outro. Os direitos humanos eram violados, os tratados políticos internacionais não eram respeitados e pessoas inocentes, como mulheres grávidas, eram mortas covardemente (13-15).

Eu conhecia bem essas situações por causa de uma estrada importante que cortava a nossa vila. por essa estrada passava bastante gente. Além disso, eu também fazia algumas viagens para vender frutas e verduras da minha roça.

No meu país Judá, as coisas não iam bem do lado do povo. Muitas

mentiras, muitos enganos, muitos desprezos da lei de Deus (2,4-5).

- No reino de Israel: Lá no Norte a situação era triste. As notícias que chegavam de lá eram as piores possíveis. No meio de uma minoria muito

27

rica, havia pobres cada vez mais pobres e empobrecidos pela ganância dos ricos. Havia corrupção e abusos da palavra de Deus e do nome de Deus. O rei de lá chamava-se Jeroboão II.

03 - O SENHOR ME CHAMOU

Confesso para vocês que todas essas situações me revoltavam. Quando ia para a roça ou quando ficava cuidando das cabras, eu ficava horas e horas sozinho, pensando e rezando. Nunca saía de minha cabeça a memória viva do nosso Deus que tinha tirado nossos antepassados da escravidão do Egito. Javé tinha feito deles um povo livre, um povo igual e feliz (2,10). E agora, éramos oprimidos pelos nossos mesmos chefes, pelos nossos irmãos na fé. Não dava para entender.

Eu não conseguia ficar sossegado diante dessa situação. Até que um dia não aguentei mais ficar calado. Senti forte dentro de mim o chamado de Deus (3,3-8; 7,15). Larguei tudo e me mandei pra lá, no reino do Norte. Fui mesmo.

04 - O QUE EU VI

Andei pelo interior do País. Passei bastante tempo na capital que se chamava Samaria (3,9; 4,1; 6,1). Lá morava o rei e a classe rica. Fui pregar a palavra de Deus também em Betei (7, 10-12), onde havia um santuário religioso nacional, lugar de muitas romarias. O rei considerava o templo como sua propriedade.

O que eu vi por lá no reino de Israel foi demais. Vi pobres vendidos por um par de sandálias, feito escravos. Vi pobres condenados injustamente por juizes corruptos, a troca de dinheiro (2,6). Vi pobres torturados fisicamente, emagrecidos, com o rosto sofrido e deformado por causa da fome, do trabalho pesado, do terror policial e pelos castigos impostos pelos

senhores (2,8). Vi pobres obrigados a penhorar até suas roupas de frio para conseguir comida e sementes (23). Vi pobres multados por causa do atraso na entrega do tributo ou da renda (2,8). Todos esses pobres e empobrecidos eram camponeses expoliados sem voz e sem vez. Os camponeses que tinham ainda algumas posses eram cobiçados, explorados e roubados na venda de seus produtos (8,4-6). Esses pobres humilhados eram a grande maioria do povo (4.1;8.4).

Do outro lado, eu vi uma minoria rica ficando cada vez mais rica as

28

custas da miséria do povo. Quem eram esses ricos ? Eram os comerciantes da cidade (8,5), era o rei e a classe dirigente com o poder na mão (6,1). Eram os juizes corruptos (2,9), os compradores de escravos (2,6). Eram os que cobravam pesados impostos (5,11), eram os sacerdotes atrelados ao poder (7,10), que praticavam cultos vazios (5,21-23), exploravam os pobres e viviam vida folgada (2,8).

A imoralidade na classe rica era demais, até o ponto de pai e filho dormir com a mesma escrava deles (2,7). As mulheres da classe alta eram gordas, insensíveis ao sofrimento dos pobres, esmagando os fracos e só preocupadas com festas, comidas e bebidas grandfinas (4,1). Todos esses ricos viviam na cidade, em palácios (3,10), feitos de material preciosos (3,15). Muitos tinham casa de verão e casa de inverno (3,15). Os palácios foram construídos na base de roubos, de explorações em dma dos camponeses (3,10;5,11). A cidade virou uma sisma de violência e de roubo contra os camponeses (3,9-10). O latifúndio foi engolindo as pequenas propriedades, aumentando a opressão e o número dos camponeses explorados e dominados.

Para um visitante superficial, o reino de Israel parecia o lugar de fartura. Havia muitas construções, muitos trabalhos, muito movimento pelas estradas e nas cidades. O comércio era muito intenso, graças também às boas relações com os países vizinhos. Parecia ter voltado o rico tempo de Salomão. Os comerciantes eram a nova classe rica. Mas na realidade a riqueza deles era feita em cima do roubo dos pobres. Levados pelo otimismo dos negócios, aplicavam suas posses, enganando e roubando, comprando

as leis e os juizes.

05 - MINHA ATUAÇÃO

Eu não podia ficar calado diante disso. E denunciei muito. Denunciei em nome de Javé, nosso único Deus verdadeiro e libertador dos pobres. Falei duro contra os juizes corruptos, contra os torturadores, contra os exploradores (2,6-8), contra os comerciantes que roubavam os camponeses até no peso dos produtos (8,4-6). Fui falar tudo isso lá na frente dos palácios, na cara dos opressores (3,11). Falei duro contra as violências, contra os roubos e as desordens que encontrei na capital. E falei do castigo de Deus contra tanta opressão (3, 8-11) e que somente um resto de gente iria sobreviver.

Denunciei o luxo das mansões ricas (3,15). Não suportei a ostentação,

29

a gordura e o luxo das mulheres da classe alta. Chamei-as de "vacas-gordas" que no dia do senhor serão tangidos com vara de ferro. Disse na cara delas *"Vocês, vacas gordas de Basã, oprimem os fracos e esmagam os pobres. Vocês com seus maridos gostam de bebedeiras. Escutem a decisão de Senhor Deus sobre vocês. Ele vai pegar vocês como se pega peixe com awò. e sereis banidos. Palavra do Senhor"* (4,1-3).

Antigamente no tempo da sociedade igualitária, os lavradores senr terra, os estrangeiros, as mulheres viúvas, as crianças e os escravos tinhair proteção especial. Todos eram obrigados a cuidar deles. Mas agora tudo ere mudado. Eu falei duro contra os ricos que abusavam das leis. Disse c seguinte: "Ai daqueles que transformam o direito em planta amarga t venenosa. Jogam no chão a justiça e a pisam. Detestam quem fala a verdade Compram com dinheiro as testemunhas e os juizes. E eles, os juizes, aceitair este dinheiro sujo para mentir e encobrir a verdade. Tudo isso para não dai direito aos pobres no tribunal. Vergonha! vocês cobram o arrendamento di terra que era dos lavradores. Vocês tomaram a terra e depois a arrendaran aos legítimos donos, os lavradores. E ainda exigem dos pobres uma parte dos cereais que eles colhem para viver. Com este lucro, que conseguen explorando os pobres, vocês constróem casas de pedras lavradas, enquanto os pobres moram em casas miseráveis. Mas nestas casas de luxo vocês nãc

vão poder morar! Deus não vai deixar!" (5,7; 9-12).

Amaldiçoei as autoridades, homens sem escrúpulos que não se importavam com o sentimento do povo. Eles viviam em casas luxuosas (com móveis granfinos, deitados o dia todo, comendo carne de primeira (bebendo canecões de vinhos, usando os mais caros perfumes. Malditos eles (6,1-7) Deus vai arrebatá-los todos (6,11). E vai levantar contra eles uma nação poderosa, a Assíria, que os esmagará todos (6,14). E assim terminará a devassidão dos gananciosos (6,7).

Um dia assim falei em nome do Senhor contra os comerciantes que exploravam os camponeses: "Escutem exploradores dos pobres! Escutem opressores dos humildes do País! escutem vocês que pensam nos dias de comércio só para vender caro vossas mercadorias e para enganar no peso. Já jamais esquecerá vossos crimes! Ele vai mudar vossas festas em funerais e seus cânticos em gemidos. E vossas cabeças, em lugar de cabelos perfumados, se tornarão cabeças raspadas. Vocês sentirão falta da lei de Deus, mas será tarde demais!" (8,4-12).

Em nome de Deus condenei duramente o exército (2,14-16) e a

30

organização do Estado (2,6; 1,3; 3,14; 5,1; 7,9-10). De fato, o exército da repressão violenta, permitia que os comerciantes, os latifundiários e os juizes corruptos, maltratassem os camponeses. E o Estado com suas leis e impostos injustos acelerava o empobrecimento dos camponeses.

06 - DESMASCAREI O CULTO RELIGIOSO E HIPÓCRITO

Uma coisa que revoltava muito era a maneira como os ricos se utilizavam da religião e do nome de Deus. Reduziram a religião ao gosto deles. Não se falava mais da Aliança com Já vê e nem da sociedade igualitária. Quando se falava era da boca pra fora. Queriam até abolir o estatuto da sociedade igualitária, que eram os dez mandamentos. Diziam que aquilo foi bom, lá no deserto, mas que agora os tempos tinham mudado e era preciso uma nova constituição.

Os sacerdotes corruptos ficavam do lado dos poderosos e praticavam uma religião vazia. Havia também muitos falsos profetas que se entregaram aos donos da situação. Eles falavam muito do "dia de Javé", mas só com o tempo é que Deus iria tomar a defesa de Israel contra os outros povos. Afinal os poderosos queriam a cobertura da religião para suas ganâncias (2,8). Mas isso é impossível!

Em nome de Deus verdadeiro, eu não parava de falar contra a falsa religião. Eu dizia claro e bem alto: "Vocês vão ao santuário de Betei só para pecar, ou vão para o santuário de Guilgal para pecar mais ainda. Mandeí fome, peste, doenças na lavoura, para vocês se converterem, mas vocês não voltaram para mim. Fiz prodígios mas vocês não voltaram para mim. Vou continuar castigando você, Israel. Preparem-se para lutar contra o seu Deus"! (4,4-12).

"Ai daqueles que vivem suspirando pelo dia do Senhor. Aquele dia vai ser de trevas e não de luz (5,18). Eu detesto e tenho horror das festas que me fazem. Não gosto dessa multidão de gente rezando. Seus donativos não me agradam e nem quero olhar para suas oferendas gordas. Afastem de mim os seus cânticos! Não quero ouvir a música de seus instrumentos. Quero sim, ver brotar o direito como uma mina de água e a justiça correr como uma bica que não seca!" (5,21-24). Ao povo de Israel que se achava privilegiado por Deus diante dos outros povos, eu dizia: "Você, Israel, não tem privilégio nenhum! Vocês são como os etíopes, os filisteus, os arameus. É pura ilusão dizer: a desgraça não nos atingirá. Todos os pecadores morrerão pela espada. O dia de Javé não será como os poderosos pensam:

31

o dia em que Javé dará a vitória a Israel sobre os outros povos. Mas o dia de Javé será dia de justiça, em que todos os malvados, inclusive os Israelitas, serão punidos para todos ficarem sabendo que Deus está do lado dos pobres e oprimidos!". (9,7-12)

Quando a gente anda com o projeto de Deus no coração e os pés no

chão, então tudo toma-se apelo de Deus. Um dia, por exemplo, estava observando um pedreiro que nivelava com a plaina o reboco de uma parede. Para mim aquilo foi como ver Deus pegar na plaina e passá-la no povo, para fazer justiça de uma vez (7,7-9).

Outra vez, olhando no mercado uma cesta de frutas maduras, comparei aquilo com a situação do povo e pensei que também o castigo de Deus estava maduro (8,1-3).

07-MEUS APELOS

Apesar de tanta maldade e corrupção, eu nunca cansei de convidar o povo a se voltar para Deus. Dizia: "Procurem a mim e vocês viverão. Mas não me procurem em Betei, que virou lugar de religião vazia e nem façam romarias hipócritas para Guilgal. Procurem o senhor verdadeiramente e viverão! (5,4-6). Procurai o bem e não o mal para que possais viver e assim o Senhor Deus estará com vocês de verdade. Odiai o mal e amai o bem. Fazei reinar a justiça nas vossas assembleias e tribunais!" (5,14-15).

08 - AS PERSEGUIÇÕES QUE SOFRI

Digo para vocês: o meu trabalho não foi fácil. Mexeu muito. Um dia, Amasias, sacerdote no santuário de Betei, me denunciou a Roboão II, nestes termos: "Majestade: Amos, aquele caboclo estrangeiro está lá conspirando contra vossa excelência, aqui mesmo no coração de Betei. Anda dizendo que vossa excelência será morto pela espada e que o nosso povo será deportado para uma terra distante. O País já não pode mais escutar seus discursos"¹ (7,10-17).

1

Esse mesmo sacerdote me pegou lá em Betei e me desafiou dizendo: "vai-te embora daqui seu profeta! Foge para Judá, tua terra e ganha lá teu pão com as tuas profecias contra as autoridades e a religião. Fica sabendo que este Betei é um santuário nacional, de propriedade do rei!" (7,12-13).'

Eu respondi logo na cara dele: "Eu não sou e nem quero ser falso"

profeta como vocês, que ganham a vida aqui no santuário falando de uma religião vazia para dar cobertura às injustiças dos que mandam no país. Eu já tenho como viver. Sou camponês e criador de cabras. Cheguei até aqui,

porque foi o Senhor que me mandou. E agora escute bem: está chegando a desgraça para ti e tua família. Tua mulher vai virar prostituta. Teus filhos serão mortos. Tua terra será conquistada. Tu morrerás em terra estrangeira e o povo será exilado para uma terra distante!" (7,14-17).

09 - ME EXPULSARAM DO PAIS

Minha permanência em Israel ficou cada vez mais difícil. Eles não suportavam mais minha presença perturbadora. Com um decreto assinado pelo rei, fui expulso do País. Eu tinha ido lá como um missionário do Deus verdadeiro e me expulsaram covardemente. Meu trabalho lá não durou muito, pouco mais de um ano. Voltei para Técoa, minha terra, pegando de novo meu serviço na roça e criando cabras. Em Técoa continuei vivendo fiel ao Deus verdadeiro junto com outros companheiros pobres.

Deus me tinha enviado para o forte e eu fui e falei. Nunca duvidei da missão que Javé me tinha confiado. Nunca mesmo. Não dava para ficar calado. Um dia, quem sabe, depois que o castigo tiver chegado, eles irão entender o que Deus queria deles e porque eu fui falar tudo aquilo. Também nunca perdi a certeza que do povo de Israel sobraria um pequeno resto para comprovar o castigo de Deus (3,12) e para levar adiante o projeto de Deus.

10 - O DEUS EM QUEM SEMPRE ACREDITEI

O que animava mais minha luta era a fé em Javé, o Deus verdadeiro, o Deus defensor e libertador dos pobres. Sim, o Deus em que eu sempre acreditei é o Deus defensor dos direitos dos pobres explorados. (2,6-8). É o

Deus que faz justiça condenando os poderosos e os gananciosos (3,11; 6,7; 8,7). É o mesmo Deus libertador que tirou nossos antepassados da escravidão do Egito (2,10).

Javé não é um Deus racista, ligado só a um grupo de pessoas. É um Deus aberto para todos os povos (9,7) e chama todos para a liberdade.

Nosso Deus é um Deus que pede conversão de verdade e não a culto falso e vazio (4,4-9). O nosso Deus é um Deus todo poderoso e ninguém escapa do seu poder (3,15; 4,13; 6,14).

Mas é também um Deus que se compadece dos pequenos e toma defesa deles (7,5-6). Todo o louvor ao nosso Deus, criador do universo. Ele é o Senhor (53; 9,6).

11 - FINALIZANDO

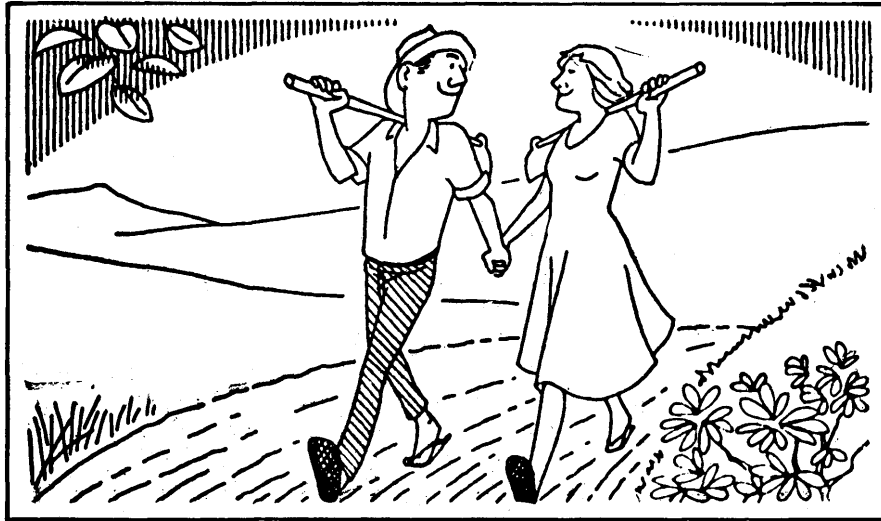
Termo aqui com uma mensagem de esperança: Sim, o nosso Deus mudará a sorte do nosso povo. Virão novos tempos de fartura para os camponeses e de paz para todos. Acabará o latifúndio e a terra voltará a ser dos camponeses, para sempre. Podem confiar. Essa é a palavra de Deus! (9,14-15).

ENTREVISTA COM AMOS

- 01 - Amos, quem és tu ? (1,1; 7,14).
- 02 - Amos, como era a situação económica, social e política do teu tempo ? (2,6-10; 5,11-12; 8,4-6).
- 03 - Como foi que nasceu em ti a vocação de profeta ? (3,7-6; 7,15)
- 04 - Como foi a tua atuação ? (3,14-15; 4,13; 8,4-11).
- 05 - Quem eram os responsáveis dessa situação ? (6,1-8)
- 06 - Como era a religião oficial do teu tempo ? (4,5-5; 5,21-27).
- 07 - Qual a solução que tu apontaste ? (5,4-6; 5,14-15; 5,24)
- 08 - Amos, tu sofreste perseguições ? (7,12-17)
- 09 - Amos, tu és pessimista ou otimista ? (9,13-15)

AMOS E NÓS HOJE

1. O que mais tocou o profeta Amos ? e por quê ?
2. Existem hoje situações parecidas com as do tempo de Amos ? Quem são hoje os mais pisados e esmagados ? E quem pisa ?
3. No meio das CEB's e dos movimentos populares têm pessoas que fazem trabalho parecido com aquele de Amos ? Quem são ? Como eles agem concretamente ?
4. Amos sempre ligava a fé em Deus com a luta. A fé em Javé era o alicerce de tudo para ele. Não fazia separação. A gente está fazendo isso? A fé em Jesus está alimentando a nossa luta ? Como concretamente ?
5. Quais luzes e lições podemos e devemos aprender com Amos ?



01 - MINHA IDENTIDADE

Meu nome é Oséias, palavra que em nossa língua significa "Javé salva". Sou natural do interior do reino de Israel, chamado também reino Norte para distinguí-lo do reino Sul, que era Judá. Nasci lá pêlos anos 770 a.C, Camponês, filho de camponeses, senti forte o chamado de Deus para manter o povo fiel ao nosso Deus único e verdadeiro.

No meio dos camponeses da nossa região ainda era viva a lembrança da sociedade igualitária vivida pêlos nossos antepassados no tempo das tribos. Fui catequista intinerante e profeta de Deus aproximadamente 30 anos.

Casei com Comer (1,2-3). Tivemos 3 filhos (1,3-8). Nosso casamento foi muito sofrido. Minha esposa era muito vaidosa. Queria roupas finas, perfumes finos e comida boa (2,7). Eu era pobre e não tinha condições para comprar tudo isso. Assim ela foi me traindo, e saia de noite com vários

amantes, para satisfazer aos seus caprichos (2,7; 2,15; 3,1).

02 - A SITUAÇÃO NO MEU TEMPO

Eu peguei os últimos anos de governo do famoso rei Jeroboão II (1,1).

Foram anos de "milagre econômico". Muito comércio, muitas construções, muita fartura. Mas tudo isso só nas mãos de poucos. A grande massa dos camponeses vivia explorada e oprimida. Eram esmagados, sem voz e sem vez (5,11). Toda a produção dos camponeses era tirada e levada, através de pesados tributos, à classe dominante que vivia em Samaria, a capital do País. Quando o rei Jeroboão II morreu. Houve uma verdadeira briga pelo poder, com muitas mortes violentas e sangrentas. Em poucos meses foram assassinados dois reis, cada um pelo seu sucessor. Muita briga mesmo. A corrupção e a violência tomaram conta do País, acontecia de tudo: maldições, calúnias, mentiras, assassinatos, roubos, adultérios e derramamento de sangue (4,1-2).

No plano internacional, a grande potência dominadora era a Assíria.

Por onde chegavam seus exércitos, exigiam submissão e pagamento de pesados tributos. O nosso rei fez uma aliança com os reis dos países vizinhos para poder enfrentar a Assíria. Criaram uma liga anti-assíria. Houve brigas, tensões e até guerras. Por causa disso os reis da liga anti-assíria entraram em

37

guerra contra Acaz, para destronizá-lo e colocar outro rei favorável à liga. Acaz então resolveu pedir ajuda diretamente à Assíria, comprometendo-se, como gratificação, a pagar pesados tributos.

A Assíria era o que estava esperando. Com um poderoso exército foi atacando o nosso País. Era o começo do fim (5,8-13; 2 Reis 16,5-9). Eu vivi todos esses anos de guerra, de violência, de fome, de corrupção, de falsas alianças, de entreguismo e de idolatrias. Os reis da liga anti-assíria esperavam contar também com o apoio de Acaz, o rei de Judá. Erraram os cálculos. Acaz não aceitou.

03 - MINHA VOCAÇÃO

Eu sofri muito diante dessas situações trágicas. Ao mesmo tempo minha esposa ia me traindo cada vez mais. O fato era conhecido. Deu muita fofoca. Apesar disso, eu queria bem a ela e não queria condená-la como a lei mandava. Mas não houve jeito. Um certo dia, dois homens trouxeram Comer amarrada para a praça da nossa pequena vila. Quando precisava, a praça servia de tribunal popular. Juntou-se muita gente para assistir o julgamento e a condenação. Como regia o processo chamaram-me para acusar minha esposa publicamente. Jogaram-na no chão. Ela estava lá de cabeça coberta. Todos se levantaram pra vê-la. Os juizes pediram que eu fizesse a acusação. Falei: "Eu acuso minha esposa. Ela já não é mais a minha esposa e eu não sou mais seu marido" (2,4). Depois, como a lei mandava, tirei a roupa dela (2,5). O povo começou a insultá-la. Eu não aguentei tanta humilhação e sai de lá triste, sem rumo, com um pesadelo terrível. Toda minha família estava destruída (2,10-12).

De repente, senti dentro de mim uma voz que me dizia! "Volta a amar de novo a mulher que te traiu do mesmo jeito que o Senhor ama os filhos de Israel que foram atrás de deuses estrangeiros" (3,1). Senti aquilo como um chamado de Deus. Voltei imediatamente atrás. Fui logo na praça onde estava se consumando a condenação de minha esposa. Encontrei-a ainda

viva. Pedi a palavra e falei alto na presença de todos. "Escutem o que diz o; Senhor Deus! Acuso vocês todos. Vocês, povo de Israel, não são mais minha esposa e eu, o Senhor, já não sou mais seu marido. Vocês se prostituíram a outros deuses, foram atrás de amantes em busca de pão, água, roupa, bebidas e não perceberam que sou eu o Senhor, que dou todo isso. Eu castigarei vocês, porque foram atrás de deuses estrangeiros, esquecendo que eu, o Senhor, sou o único e verdadeiro Deus!:" (2,4-15).

38

Todos ficaram calados. Eles perceberam que aquilo era recado de Deus. Sim, eu devolvi ao povo e aos juizes a mesma acusação que eles lançaram contra a minha esposa. Assim, eu quis dizer logo a causa de tanta maldade, de tamanha opressão e exploração que havia no País. A causa principal era a infidelidade do povo, sobretudo da classe dominante, ao Deus verdadeiro (4,1).

Depois fui aos juizes retirando a minha acusação contra Comer. Pedi

minha esposa de volta. Tive que pagar quinze moedas de prata e 675 quilos de farinha (3,2). Eu e minha esposa fomos para nossa casa. Eu não guardei rancor dela. Meu desejo era começar uma nova lua de mel com ela. E fui ligando tudo isso com a situação do povo. Uma coisa puxava a outra. Descobri que minha missão era denunciar a infidelidade do povo para poder começar uma nova lua de mel entre o povo e o nosso Deus verdadeiro. Chegando em casa, falei pra Comer: "Você vai ficar aqui comigo por um bom tempo, sem se oferecer a ninguém. Você não vai me trair com homem nenhum. Eu vou me comportar com você como se nada de ruim tivesse acontecido até agora!" (3,2).

04 - MINHA ATUAÇÃO

Assumi de cheio a missão do projeto de Javé. Percebi que, antes de tudo, era preciso denunciar a infidelidade da classe dominante. Então falei bem alto para todo mundo ouvir: "Escuta isso, sacerdotes! Prestem atenção chefes de Israel e a casa do rei! Vocês vão ser condenados porque caíram na corrupção até o pescoço. A prostituição tomou conta de vocês. Vocês não conhecem mais o Deus verdadeiro (5,1-4). Não são suas ovelhas e seus bois oferecidos no culto, que vão fazer vocês encontrar a Deus (5,6). Vocês são opressores. Não atuam direito (5,11). O reino de Israel está doente e o de Judá tem úlceras. Não adianta recorrer a ajuda da Assíria (5,13). Escutem a palavra do Senhor! Neste País não existe mais sinceridade, nem amor ao próximo e nem a fidelidade a Deus. Só existem juramentos falsos, mentiras, assaltos, adultérios e todo tipo de crime (4,1-2). Eu acuso vocês sacerdotes. Vocês pecam dia e noite e com vocês também os falsos profetas e assim levam o meu povo para o mal. Vocês deixaram de ensinar o caminho certo e assim o meu povo está se acabando por falta de conhecimento. Por isso, vou tirar vocês do meu serviço (4,4-10). O povo adora qualquer boneco. O santuário até aqui se chamava casa de Deus (Betei); mas agora tem que ser chamado casa do pecado (Bet-Aven). Vocês se revoltaram contra Deus e se prostituíram a deuses estrangeiros!" (4,12-19).

05 - O QUE EU MAIS DENUNCIAVA

O que eu mais denunciava era a idolatria e a prostituição. E eles, os chefes do povo, entendiam muito bem o que eu queria dizer. O mesmo estado e a corte incentivavam isso. Eram coniventes. Organizavam a prostituição nos lugares altos (4,13), na época da secagem dos cereais e na época da produção do vinho.

Havia muita festa durante aqueles dias nas feiras, nos girais das vilas do interior (9,12; 10,11). O Estado organizava isso visando sobretudo duas finalidades: incentivar a produção de cereais e de vinho e as mulheres gerar mais filhos. De fato o Estado, por causa das guerras frequentes e das muitas pessoas que viviam a suas custas, precisava de muita produção e de muitos soldados. Durante as festas as moças eram iniciadas sexualmente e as mulheres costumavam trair seus maridos, como aconteceu com minha esposa.

Para convencer melhor os camponeses e as camponesas, o Estado organizava ritos religiosos durante as festas nas feiras. Assim a religião era usada para servir aos interesses do Estado. E Javé, o nosso único Deus verdadeiro, era reduzido a um deus qualquer. Os sacerdotes combinavam com isso. Eles viviam da mesa do rei.

Sim, a prostituição para mim é igual à idolatria. É afastar-se do Deus verdadeiro e do pronto de vida agualitária, para seguir deuses falsos e uma sociedade baseada na exploração. As mulheres também são vítimas desta situação, reduzidas a objeto dos interesses do Estado.

Nesse afastamento do Deus verdadeiro eu vejo a causa de todos os males. Chamei os sacerdotes do templo da cidade de bandidos e assassinos que desviam o povo do caminho verdadeiro (6,9). Nunca suportei a presença deles (5,1), suas rezas e seus ritos.

Diante dos golpes de Estado e das brigas pelo poder eu disse em nome de Deus: *"Vocês aceitaram reis sem o meu consentimento.*

Arrumaram chefes com os quais não estou de acordo. Não adianta dizer: "Meu Deus nós te conhecemos", porque transgrediram a aliança e se rebelaram contra mim (8,1-4). Vocês são muito ingênuos em pedir ajuda ao Egito ou à Assíria" (7,11).

Repetidas vezes denunciei o culto que desagradava a Deus. Construíram

muitos altares pensando expiar os pecados, mas na realidade pecavam mais ainda.

40

Ofereciam sacrifícios, mas Deus não aceitava (8,11-13). Eu dizia ao povo: "Não te alegres Israel. Tu te afastaste do teu Deus para adorar outros deuses em troca de ninharia, como faz uma mulher quando se vende ao primeiro homem que passa. Vocês não vão mais habitar a terra que pertence ao Senhor. Vocês vão ser desterrados para a Assíria e para o Egito!" (9,1-3).

Realmente o sistema dos reis em nosso País foi uma grande decepção.

Todos eles brigavam pelo poder um engolindo o outro. Era um verdadeiro grupo de adúlteros (7,3-7). E assim o nosso País, de lindo que era antigamente quando não havia reis, virou lugar de falsidade, de injustiças, de cultos vazios. A conclusão desse drama será infelizmente a destruição e a deportação para terra estrangeira (10,1-10).

05 - MEUS APELOS

Tive que denunciar todo tipo de prostituição. O povo organizava reza de arrependimentos. Mas era só engano, só falsidade. Na realidade, nada de conversão a Deus. Eu denunciava tudo isso. Dizia: "O amor que vocês, Israel e Judá, têm pelo Senhor é como o orvalho da madrugada. Assim que o calor do dia aparece, o orvalho se acaba. Por isso, diz o Senhor: enviei profetas para castigar. O meu julgamento se levanta como a luz. Porque eu quero misericórdia e não sacrifícios. QUERO O CONHECIMENTO DE DEUS MAIS DO QUE SACRIFÍCIOS E OFERTAS" (6,1-6).

Misericórdia para nós é a prática da sociedade igualitária. É a destruição do sistema de Estado baseado na exploração dos camponeses através de tributos. Era sobre isso que eu insistia muito: o conhecimento de Deus, a fidelidade ao Senhor único Deus e ao seu projeto igualitário. Em outra época dizia também: "*Volta* Israel, para junto do Senhor, teu Deus. Foram tuas faltas que te fizeram tropeçar. Fala assim ao Senhor: "*Tu* que tens compaixão dos desamparados, perdoa nossos pecados! A Assíria não vai nos salvar. Não podemos confiar nos ídolos que nós mesmos fabricamos. Tu és o nosso Deus!" Então o Senhor dirá: "*Vou* curar as infidelidades deles,

vou amá-los de todo coração. Já não estou mais com raiva deles" (14,2-8).

06 - MINHA MAIOR ESPERANÇA

A infidelidade a Deus e a prostituição a falsos ídolos era o que mais acontecia no País. Sobretudo na classe dominante. Eu sempre condenei isso com todas as minhas forças. Mesmo assim, eu nunca perdi a esperança de

41

uma volta do povo ao verdadeiro Deus. Eu sempre lembrava dos tempos dos nossos antepassados, quando andaram pelo deserto fugidos da escravidão do Egito. Nossos pais nos contavam da aliança que houve lá no deserto entre o povo e o nosso Deus. Eu me lembrava muito do final feliz do meu casamento quando resolvi tomar de novo comigo minha esposa. Baseado nisso, eu dizia para o povo: "Escutem o que diz o Senhor! Vocês, povo, são como a esposa que traiu o seu esposo para ir atrás de amantes. Eu vou castigar vocês pêlos dias que se prostituíram aos falsos ídolos, criando assim uma sociedade injusta. Mas vou voltar e quero bem a vocês. Vou seduzir vocês, vou levá-los ao deserto de novo e lá falarei ao coração de vocês e vocês irão me responder como no tempo de moça, quando vos tirei do Egito. Então, naquele dia, eu garanto, vocês voltarão a mim de novo e abandonarão os ídolos falsos. Neste dia eu vou fazer uma aliança. Vou quebrar o arco e a espada e vou afastar desta terra o perigo da guerra. E assim vocês vão ser de novo a minha esposa. Vou casar de novo com vocês e desta vez será para sempre. E este nosso casamento vai ser baseado na justiça e no direito. Vou me casar com vocês por causa do meu amor que é fiel e então vão poder conhecer o Senhor através da justiça e do direito" (2,15-22).

Voltar ao deserto, fazer aliança com Deus significa para nós voltar às origens, aos bons tempos das tribos, da sociedade igualitária quando não havia tributos, nem exploração e nem dominações. Quando não havia deuses falsos, quando havia paz e harmonia e a produção ficava com os camponeses.

07 - O DEUS EM QUEM SEMPRE ACREDITEI

Como já falei, eu sou natural do interior do reino Norte. Lá, no meio dos camponeses, se guarda muito a memória do Deus libertador e da época tribal, época em que o povo vivia numa sociedade igualitária. Essas minhas origens me ajudaram muito. Sim, o Deus em quem sempre acreditei é Javé, o Deus libertador que tirou nossos antepassados da escravidão do Egito (2,1711,1; 12,10; 12,14).

Eu acreditei em Javé, o Deus da aliança, o Deus fiel que exige

fidelidade de nossa parte. Ele sofre muito com nossas infidelidades (2,7; 2,15; 4,11-14). Porque isso leva a uma desintegração total, a um sistema de corrupção e de morte (4,1-3). O nosso Deus quer de nós conhecimento, quer fidelidade (6,3). Ele quer a prática da misericórdia, quer organização igualitária entre nós (6,6). Javé não abandona a gente. Ele é graça e ele é dom. Ele toma a iniciativa para que possamos ser o povo d'Ele, um povo igual

42

(1,17). Javé é um Deus que castiga as infidelidades (2,15) mas é também um Deus que ama seu povo, é um Deus feito mãe que nos acalenta como criança. Certa vez eu falei de Deus para o povo da seguinte maneira: escutem a palavra do Senhor! Desde que Israel era menino, eu já o amava. Do Egito o chamei como filho meu. Mas quanto mais eu chamava-os, tanto mais se afastavam de mim. Ofereceram sacrifícios aos ídolos. Queimaram incenso aos deuses falsos. E contudo fui eu que ensinei este povo a andar, segurando-o pelos braços. Eles não compreenderam que era eu que cuidava deles. Tratei-os com carinho e ternura. Fui para eles como uma mãe que acalenta uma criança. Mas meu povo insiste no erro. Mesmo assim, como eu não poderia te abandonar Israel ? Meu coração se contorce dentro de mim. Minhas entranhas se comovem. Não, eu não vou destruir o meu povo, porque eu sou o Deus fiel no meio deles. Vocês, por causa das suas infidelidades sofrerão opressões, mas eu os farei habitar de novo em suas terras. Palavra do Senhor!" (11,1-11). Sim, realmente o nosso Deus é um Deus que ama, que tem compaixão, ternura. É um Deus sempre pronto a perdoar!" (14,5).

08-CONCLUINDO

Minha vida não foi fácil. Sofri incompreensões. Fui tachado de tolo, de louco (9,7). Mesmo assim eu continuava minha tarefa de profeta (9,8). Sempre falarei ao coração do povo, até o dia em que Deus poderá realmente dizer: "Tu és o meu povo" e o povo responderá: "Tu és o nosso Deus" (2,25).

ENTREVISTA COM OSÉIAS

- 01 - Oséias, conta um pouco de tua vida (1,1-8; 3,1-3; 2,4-7)!
- 02 - Como era a situação no teu tempo ? (4,1-3; 5,11; 7,3-7)
- 03 - É verdade que tu falavas tanto de prostituição ? O que querias dizer com isso ? (2,7-15; 4,10-16; 5,1-4).
- 04 - Como foi a tua atuação ? (4,1-6; 5,1-4; 6,4-6; 8,11-13).
- 05 - O que mais pedias ao teu povo ? (6,1-6; 14,2-4).
- 06 - Quem era o Deus em que acreditaste tanto ? (2,17; 12,10; 11,1-11).
- 07 - Qual tua maior esperança ? (2,16-35).

08 - Qual o recado que queres deixar para nós ? (6,1-6)

OSÉIAS E NÓS HOJE

1. O que mais tocou o profeta Oséias ? por quê ?
2. Existe também hoje prostituição no sentido que Oséias falava ? Onde /
3. Há sinais desta prostituição também na comunidade da gente ? Na vida da gente ?
4. Como reagia Oséias diante da prostituição do povo e dos líderes ? E nós como estamos reagindo ?
5. Como concretamente ser hoje profeta no estilo de Oséias ?
6. Há pessoas hoje parecidas com a prática de Oséias ? Quem são concretamente ?



01 - MINHA IDENTIDADE

Meu nome é Isaías, palavra que em nossa língua significa: "Javé é salvação"⁷. Nasci em Jerusalém, capital do estado do Judá. E lá me criei e passei toda minha vida. Minha família pertencia à classe alta da cidade. Estudei nas melhores escolas da capital. Desde a minha juventude participava bastante da vida religiosa do templo e tinha livre acesso ao palácio do rei (73; 7,10). Portanto, estava bem por dentro daquilo que se passava na classe alta. Casei aos 20 anos. Minha esposa também era profetiza (8,3). Tivemos dois filhos (7,3; 8,3; 8,18).

02 - A SITUAÇÃO DO MEU POVO E DO MEU PAIS

Até aos meus 20 anos o país de Judá viveu em paz com os países vizinhos. Nessa época, houve muita prosperidade e fartura. Mas só para a minoria. Essa minoria era a classe dominante e explorava demais o povo, sobretudo os camponeses. O latifúndio foi tomando conta do País, acabando

com as pequenas propriedades. As riquezas se concentravam cada vez mais nas mãos de poucos (5,8). O luxo da cidade alta era grande. As mulheres ricas andavam pelas ruas de pescoço esticado e com olhar provocante. Usavam uma infinidade de enfeites. Com as pulseiras e chocalhos, os esmuletos, os brincos e os anéis que usavam faziam grande barulho para serem vistas (3,16-24). A corrupção era tanta que o mal era chamado de bem e o bem chamado de mal (5,20). O dinheiro comprava tudo, até a justiça, e assim aos pobres era negado qualquer direito (5,23).

Jerusalém, a capital, se tomou como uma prostituta. Deixou de praticar a justiça e o direito (1,21). Já vê, o nosso Deus libertador, quis Jerusalém como asilo dos pobres, como lugar de defesa dos oprimidos (14,32), mas agora só havia assassinos (1,21). Os chefes do povo eram enganadores, mentirosos e exploradores dos pobres (3,12-15). Esses donos do poder eram todos ladrões, corruptos, só correndo atrás do dinheiro. E assim os pobres, as viúvas, os menores abandonados viviam humilhados, pisados, sem defesa, sem segurança, sem voz e sem vez (1,23). A violência tomou conta da capital (3,5). Era uma verdadeira anarquia e quem pagava as consequências sempre eram os pobres.

03 - JAVÉ ME CHAMOU

Como já disse, eu vivia à vontade no palácio do rei. Tinha mordomias. Tinha o futuro garantido. Mas eu não me sentia tranquilo diante de tanta

47

maldade e corrupção. Sonhava por uma cidade justa e santa, protetor dos pobres. Jerusalém era o contrário de tudo isso. Não aguentei mais. Então falei mais alto de que o meu parentesco com o pessoal do palácio do

Lembro muito bem quando senti o chamado de Deus. Foi uma coisa muito forte. Foi uma espécie de visão. Javé se revelou a mim com o rosto do rei, sentado no trono. Javé me purificou, tomou conta de mim e eu fiquei com uma grande força. Coloquei-me à disposição. Percebi que a minha ira iria ser muito dura, porque iria encontrar um povo de cabeça dura e coração fechado (6,1-10).

Tinha 20 anos de idade. Foi no ano em que faleceu o rei Ozias, de lepra (6,1). Era tempo de guerra. O reino de Israel, junto com outros vizinhos, havia declarado guerra contra nosso País. Houve muitas mortes. Muitas crianças se tomaram órfãs e muitas esposas, viúvas. Aquele chamado de Deus marcou definitivamente minha vida. R(com o palácio e fui para os cortiços e para as periferias de Jerusalém. E aí minha residência. Entrando nas casas do povo encontrei muitas viúvas e órfãos e muitas cenas de dor. Abri uma escolinha para alfabetizar crianças (28,10-12). Tornei-me a voz do povo sofrido das periferias. Vivi intensamente a missão de profeta. Vocação e missão são para mim algo inseparáveis

04 - MINHA ATUAÇÃO

Não dava mais para ficar calado. Era preciso falar, denunciar o nome de Deus a situação. Eu não fui o único profeta. Havia outros. No interior do Norte, a situação era mais ou menos a mesma. Amos, por causa da falta de coragem de denunciar, já havia sido silenciado e expulso. Oséias, a quem eu profetizava. No interior de Judá, Miquéias, líder camponês, estava cumprindo uma missão de profeta. Eu fiquei sempre na capital.

a) CONTRA O FALSO CRIME

Um dia não aguentei mais e fui à entrada do templo. Havia muitos peregrinos querendo entrar. Os sacerdotes estavam dando instruções sob as condições necessárias para entrar no templo. Levantei-me e assim comecei a falar: "Escutem a palavra de Deus, chefes de Sodoma, povo de Gomorra: que adianta a multidão dos sacrifícios que vocês fazem? Já estou sae

48

destes animais. Não gosto do sangue deles. Quando vocês vêm aqui se apresentar a mim, quem pediu isto de vocês? Porque vêm profanar meu templo? Deixem de trazer ofertas inúteis, não suporto mais os cultos e festas de vocês. Odeio suas orações e novenas. Estou cansado delas. Quando vocês rezam, eu me afasto porque vejo sangue nas mãos de vocês. Lavem-se! Limpem-se! Deixem de fazer o mal e pratiquem a justiça e devolvam o direito aos oprimidos. Façam justiça aos menores abandonados e defendam as viúvas!" (1,10-17).

Os sacerdotes aí presentes entenderam o recado. E ficaram com muita

raiva por chamá-los de chefes de Sodoma. Sodoma e Gomorra foram cidades destruídas faz muito tempo, por causa de suas imoralidades. Sacerdotes e falsos profetas viviam enganando o povo, infiéis ao Senhor. Bebiam muito e andavam bêbados pelas ruas, caindo, vacilando, deixando assim de praticar o que é justo. Eu condenei tudo isso (28,7).

b) CONTRA JERUSALÉM

Eu gostava muito de Jerusalém, a nossa capital. Mas ela, por causa da corrupção e da ganância da elite dominante, tomou-se covil de ladrões e assassinos. Então eu dizia: "Ai de ti, Jerusalém! Uma vez tu eras uma cidade fiel, mas agora te prostituíste. Teus chefes são iguais a ladrões, são corruptos. Não há mais justiça para os pobres de nossa cidade!" (1,21-23).

c) CONTRA OS DONOS DO PODER

"Chefes do povo, escutem o julgamento do Senhor contra vocês. Vocês enganaram o povo, entortam os caminhos do bem. Vós devorastes os pobres. Porque esmagais o meu povo e calcais com os pés o rosto dos pobres T' (3,12-15).

d) CONTRA AS MULHERES RICAS

"Vejam as mulheres ricas da cidade. Elas andam orgulhosas. Esticam o pescoço e olham sempre provocando. E usam uma infinidade de enfeites. Andam devagar. Com as pulseiras, os amuletos e os chocalhos que usam fazem muito barulho. O Senhor avisa que vai encher de sarda o rosto delas e vão ficar sem cabelos. No lugar de perfumes elas vão ficar fedorentas⁷⁷ (3,16-24).

e) CONTRA OS GRANDES PROPRIETÁRIOS

"Ai daqueles que, tendo uma casa, vão pouco a pouco comprando o quarteirão inteiro. Ai dos que juntam campo a campo. Assim vão se apropriando de tudo e não vai mais ter lugar para os pobres. Escutem o Senhor dos exércitos: as casas grandes e bonitas irão cair e ficarão sem

moradores!" (53-9).

f) CONTRA OS JUIZES CORRUPTOS

"Ai daqueles que fazem leis injustas e proclamam editais de opressão. Eles tiram o direito aos pobres e impedem que haja justiça em favor deles. Deixam sem nada as viúvas e roubam o que o órfão herdou para viver. O Senhor está com as mãos levantadas contra eles" (10,1-4).

g) CONTRA A CORRUPÇÃO GENERALIZADA

"Ai dos que chamam o mal de bem e o bem de mal. Ai dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas. Ai dos que se acham sábios e inteligentes. Ai dos que inocentam os culpados em troca de presentes e negam aos pobres a justiça. Ai dos que gostam de bebedeiras, ai dos mentirosos!" (5,18-23).

05 - A DIFÍCIL SITUAÇÃO POLÍTICA

No entanto a situação internacional estava ficando cada vez mais difícil, tensa e complicada. A partir do ano 740 a Assíria avançava para ser uma grande potência imperialista. Os assírios, vindos da Mesopotâmia, queriam estender seus domínios até o Egito. Para isso, eles tinham que dominar os pequenos países intermediários, como o nosso País Judá e Israel, Damasco, Filistéia, Moab, Edom e Amom.

Em 734, os poderosos exércitos assírios já tinham alcançado as fronteiras de Damasco e ameaçavam invadir os territórios de Israel. A situação era grave. Damasco e Israel se aliaram para fazer uma frente única diante da iminente invasão da Assíria. Eles convidaram Judá para que também ingressasse na liga anti-assíria. O nosso rei Acáz recusou.

Damasco e Israel não gostaram e decidiram invadir o nosso País para tirar Acáz do poder e colocar outro em favor da aliança anti-assíria. A

situação piorou. Os chefes políticos estavam divididos: uns a favor da Assíria, outros contra. Acáz resolveu pedir socorro a Assíria. O exército assírio invadiu Damasco e arrasou com tudo. Acáz mandou logo uns emissários com muito ouro e prata a Damasco para prestar submissão ao rei

da Assíria (2 Reis 16,5-9; 2ª crônicas 28,16-21). Foi uma grande humilhação. Acáz chegou até o ponto de construir em Jerusalém um altar ao deus Moloc, o deus dos assírios. Ao deus Moloc deviam-se oferecer crianças em sacrifícios. incrível e horrível: o mesmo Acáz sacrificou o seu filho (2ª Crônicas 28,1-4).

Assim, eu fui levando o recado do Senhor no meio daquela situação política tão confusa. Pra dizer a verdade, eu sempre fui contra qualquer tipo de aliança militar, seja com os assírios, seja com a liga anti-assíria, seja com o Egito. Nunca confiei em armas e em exércitos. Carros de combates e exércitos são ilusão (31,1-3). A solução para mim era deixar de confiar nas armas e confiar no Senhor e na sua palavra. Escrevi um pequeno panfleto tornando pública a minha posição anti-militar e minha oposição à elite, especialmente militar, da capital (8,16-18). Não tive muitos apoios. Fui marginalizado por ambos os partidos. Fui até tachado de traidor e conspirador (8,12).

06 - NUNCA PERDI A ESPERANÇA

Mesmo assim, eu não perdi a esperança. Certo, haveria muita destruição, mas um broto, um resto iria ser semente santa de um futuro bem diferente e bem melhor (6,13). Tentei convencer o rei para esta esperança. Os exércitos de Israel e Damasco estavam se aproximando de Jerusalém. O rei Acáz tinha ido inspecionar as obras de defesa. Eu fui lá falar com ele. Levei também um filho meu, cujo nome significa "um resto volta". Diga-se de passagem no meu tempo se dava muita importância aos nomes. Cada nome significava uma mensagem, uma missão. Disse ao rei: "Não tenhas medo, Acáz, dos reis de Damasco e de Israel. Eles são apenas dois tições fumegantes. Serão destruídos/⁷

Convidei-o a não confiar nas armas e passar a crer na palavra do Senhor. Sim, com os militares, opressores e truculentos não há futuro. Só está no resto. E o resto são os pobres, os pequenos e marginalizados, o futuro do povo de Deus não está nas armas, no poder, mas na fraqueza organizada (7,1-9).

O rei não ligou. Continuou confiando no poder das armas. Tentei

mais uma vez convercer o rei. Fui visitá-lo no seu palácio. Repeti o convite:

51

confiar no Senhor e não nas armas! É claro que confiar no Senhor significava também acabar com tudo quanto era corrupção e injustiça. Para nós, profetas do Senhor, fidelidade ao Senhor e a sociedade igualitária são como dois lados da mesma moeda. Não se podem separar. Mas o rei não se decidia. Fiz e ele uma proposta: "Peça a Deus um sinal que prove que minhas palavras são mensagens de Deus". Mas o rei não quis pedir o sinal, alegando que não iria tentar a Deus (7,10-12). Foi muita falsidade. Na realidade ele não pediu, porque isso teria exigido dele o afastamento das elites militares e a confiança irrestrita no "resto", no povo pobre e organizado, como no tempo da sociedade igualitária. Eu fiquei muito revoltado. Falei assim: "Ouçam governantes do País! Além de prejudicarem o povo, querem também enganar a Deus. Pois fiquem sabendo! Deus não vai abandonar o povo. Ele mesmo, de sua iniciativa, vai mandar um sinal. E o sinal será este: Eis a jovem mulher está grávida e dará à luz um filho. Será chamado Emanuel!" (7,14). Emanuel significa: "Conosco está Deus". Conosco quer dizer: Deus está com aqueles que obedecem à palavra. Portanto, estão excluídos tanto o rei Acáz quanto seus militares e sua corte. Sim, eu nunca confiei no poder das armas. Um menino e não um general poderoso será o instrumento usado por Deus para derrubar os agressores e os opressores (7,13-20).

Esta inspiração de Deus me animou muito. No meio de tanta corrupção, injustiça e entreguismo, eu comecei a enxergar um futuro melhor. Estava muito alegre. Veio espontâneo dirigir ao povo a seguinte mensagem: "O povo que andava na escuridão viu uma grande luz. Para os que moravam no País da sombra, brilhou um clarão. É festa! Porque Javé, o nosso Deus, quebrou a canga que oprimia o povo. Quebrou o chicote do opressor, como no tempo de Gedeão, sem precisar de guerras. As botas dos soldados e as roupas de guerra, embebidas de sangue, serão queimadas. Basta de guerra!" (9,1-4). As trevas, quer dizer tanto a Assíria como a liga anti-assíria, serão vencidas. E tudo isso sem luta, sem combate, pela intervenção de Deus. Outro grande motivo de alegria era esse: Vamos ter um Messias libertador e esse Messias será uma criança! "Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado. Este menino será um governante e será chamado maravilhoso, conselheiro. Deus forte, pai para sempre, príncipe da paz. Ele instaurará uma paz sem fim, baseada no direito e na justiça. Deus vai fazer isso!" (9,5-6).

Repito: O nosso Deus não confia nas forças das armas e sim na fraqueza organizada dos pobres abertos a Deus. E a criança é o símbolo dos

pobres de Deus.

07 - A ASSÍRIA DOMINADORA E IMPERIALISTA

A esperança que animava a gente era grande. Mas eu me sentia muito sozinho. O rei e o povo também não quiseram enveredar pelos caminhos da conversão e da esperança. E assim, a situação foi piorando. A Assíria pressionando cada vez mais. O rei Acáz, de triste memória, morreu no ano de 727. Sucedeu-lhe o filho Ezequias. Começou muito bem o seu governo, com um grande movimento de renovação religiosa. No entanto a Assíria, levada pelas suas ambições imperialistas, atacou e derrotou o reino do Norte. Samaria, a capital, caiu. O reino de Israel desapareceu, virou colônia da Assíria. Estávamos no ano de 722. A queda do reino de Israel foi um abalo para todos nós. Mesmo assim, o rei Ezequias, sob o meu convite, rompeu com a Assíria e foi reativando o culto a Já vê, nosso Deus libertador. Isso deu muita esperança. No tempo em que a maioria temia a Assíria, eu dizia bem alto: "Ai da Assíria. Ela vai ser entregue ao saque e a pilhagem. Não temas, meu povo. A Assíria está te oprimindo. Mas dentro de pouco tempo o meu furor destruirá aquele País. Palavra do Senhor! (10,5-6; 10,24-26).

08 - VAI TER UM MESSIAS LIBERTADOR

A triste experiência dos reis do Norte e do Sul, sobretudo do nosso rei Acáz, me levou a conclusão que os reis eram incapazes de implantar a justiça, o direito, a defesa dos pobres. Quando eu falava do nascimento do "Emanuel", queria falar também da destruição da casa real. Nem a monarquia e nem o militarismo eram solução para o povo. Inspirado por Deus e pelos acontecimentos, comecei a pensar que da destruição da casa real só poderia sobrar o tronco, o tronco de Jessé. E desse tronco sairia um rebento, uma pessoa capaz de restaurar a justiça e o direito. Sobre essa pessoa pousaria o Espírito de Deus, como no tempo dos juizes. Sim, o rebento não iria ser nenhum rei e nem um militar mas um juiz justo e libertador, capaz de

libertar seu povo de todo tipo de opressão e conduzi-lo pra uma organização fraterna e justa. Assim eu falava desse rebento: "O Espírito do meu Deus sobre ele pousará. Os pobres desta terra com justiça julgará. E dos fracos o direito, ele é quem defenderá. Neste dia, neste dia, o incrível, o verdadeiro, coisa que nunca se viu, morar lobo com cordeiro. A comer no mesmo pasto, tigre, boi, burro e leão por um menino guiado se confraternizarão. Um menino, uma criança, com as feras a brincar e nenhum mal, nenhum dano mais na terra se fará. Neste dia, neste dia, o Senhor estenderá sua mão libertadora, pra seu povo resgatar!" (11,1-11).

53

09 - DE NOVO A POUTICAGEM EM JUDA

Como já falei, os primeiros anos do governo Ezequias foram positivos. Ele não foi atrás de alianças estrangeiras e conseguiu fazer boas reformas. No entanto, o Egito parecia despertar do sono. Ele nunca se deu por derrotado na luta pelo domínio do mundo. Egito e Assíria eram os grandes rivais. O Egito começou a insuflar países pequenos, como a Filistéia, para levantar-se contra a Assíria, com promessas de ajuda militar. Isso repercutiu dentro do nosso país. Surgiu um partido em favor do Egito. E tentaram envolver também o rei Ezequias. A coisa era muito perigosa. Aliar-se ao Egito naquela hora significava a morte de toda a nação. Eu desaconselhei logo o rei. Usei todos os meios possíveis. Para protestar contra qualquer aliança com o Egito e para alertar a opinião pública, andei descalço e semi-nú (sem túnica), pelas ruas da cidade durante três anos. Felizmente consegui convencer o rei e a opinião pública. Resultado: A Filistéia foi invadida e destruída pelos assírios, mas Judá não sofreu nada (20,1-6). Estou convencido que toda a aliança com poderosos é muito perigosa e negativa. Não resolve. Pior ainda: engana e acaba enganando os pequenos. Para mim a solução é buscar Javé, o único Deus libertador. E fidelidade a Já vê, é claro, significa arrancar tudo quanto é corrupção, exploração, divisão e injustiça. Foi por isso que fiz uma série de denúncias contra reis e nações

vizinhas que não optaram pela fidelidade ao Senhor. Sem Javé não há futuro, só destruição! (13,16).

No ano 705 a.C. morreu Sargão II, o famoso todo poderoso rei da Assíria. No entanto estava aparecendo um novo País com ganância de dominar: A Babilónia. O Egito e a Babilónia aproveitaram da morte de Sargão II para insuflar os países, que pagavam pesados tributos a Assíria, a revoltar-se. Eles prometiam apoio militar. Os chefes do nosso país gostaram da proposta e queriam entrar no levante, confiantes no apoio militar do Egito. Eu fui logo contra. Já pensaram, buscar aliança no Egito que tanto oprimiu nossos antepassados ? Eu falei claro: "Ai de vocês que procuram abrigo no faraó do Egito, sem antes consultar o Senhor. Egito nenhum vai ajudar vocês! É pura ilusão! A promessa do Egito é enganadora e mentirosa! Não adianta confiar em nossos opressores e buscar apoio na falsidade, escutem o Senhor que diz: É na conversão e na confiança em Javé que está a vossa força! Mas vós não quisestes (30,1-8). Ai daqueles que procuram apoio no Egito e no seu exército, deixando assim de procurar a Deus. O Egito é apenas um homem e não um Deus. Quando o Senhor estender a sua mão, vacilará o protetor e cairá o protegido. Todos perecerão juntos!" (31,1-3).

54

Ninguém me deu ouvido (30,9-11). Ezequias, confiante no apoio militar do Egito, entrou no levante contra a Assíria. A resposta dos assírios foi imediata. O novo rei da Assíria, Senaqueribe, derrotou os egípcios. Penetrou em Judá, conquistou várias cidades e começou assediá-las. E nada de ajuda militar dos egípcios! Só promessa bonita. E nós na pior situação possível. O cerco da capital foi no ano 701. Éramos como passarinhos na gaiola.

Felizmente, por sorte nossa, a vitória dos assírios não foi completa.

Uma terrível epidemia, provocada provavelmente por ratos, dizimou o exército assírio, obrigando-o a voltar imediatamente ao seu País (37,36-38).

Jerusalém estava salva. Os líderes do povo, para comemorar a vitória, organizaram uma grande festa. Mataram os bois e as ovelhas que ainda restavam e diziam cantando e brincando: "Vamos comer e beber já que amanhã se morre *sempre*" (22,13).

Eu não gostei daquela festa. Eles pensavam ter escapado do perigo por méritos deles. Mentira! Eles não quiseram enxergar no fato a presença libertadora do nosso Deus (37,36). Não quiseram pensar na gravidade da situação. Com isso, fiquei muito amargurado e decepcionado. Me retirei e chorei amargamente. Em lugar de fazer penitência e voltar para Deus, o povo se entregou a um divertimento descontrolado. Não quiseram avaliar a situação para evitar o pior no futuro (22,1-12).

10 - MEU AMOR PARA JERUSALÉM E PARA O POVO

Eu sempre amei muito o meu povo e minha terra. Não estou mentindo. Minha vida era a vida do meu povo. Pelo povo eu sofria e me alegrava. O que mais me fazia sofrer era ver o povo longe de Deus. Era ver os líderes irem atrás de alianças enganadoras e mentirosas, só para satisfazer os interesses deles. E nada de aliança com Deus. Certo dia eu falei assim: "Ouçam o que diz o Senhor! este povo me louva com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Sua religião é feita só de rezas e palavras decoradas. Mesmo assim vou continuar fazendo coisas maravilhosas no meio deles!" (29,13-14). Também para a cidade de Jerusalém eu alimentava uma grande esperança. Jerusalém era agora um covil de ladrões, de assassinos e corruptos. Mas virá um dia em que muitos irão a Jerusalém para buscar caminhos novos. Sim, de Jerusalém sairá a palavra de Deus. E assim no meio do povo não haverá mais guerra, mas fartura e paz (2,1-5).

11 - A GRANDE CERTEZA: A SALVAÇÃO VEM DOS PEQUENOS

Sim, pessoal, quero dizer mais uma vez: eu sempre acreditei na presença salvadora do nosso Deus. Vivi no meio das guerras e das brigas. Vi muita corrupção e mentira. Mesmo na noite mais escura, sempre acreditei

num futuro novo. Esse futuro de paz e de justiça, para mim só poderia vir dos pobres. Os pobres são o resto, são o tronco de Jessé, são as crianças. Nunca confiei no poder das armas. Em Jerusalém havia muitos menores abandonados, por causa das guerras e da miséria. Nesses menores abandonados eu enxergava a presença de Deus. Podem confiar! É no meio deles que vai aparecer a salvação do povo (6,13; 7,14; 9,5-6; 11,1-9; 28,5-6; 37,31-32). Com isso não fugi da luta. Pelo contrário, entrei de cheio na vida do povo e na política. Para mim a política não pode ser separada da fé. Não adianta dizer que se tem fé sem entrar nas lutas políticas em defesa do povo. Denunciei toda política traiçoeira, as injustiças e o culto religioso vazio.

12 - O DEUS EM QUE SEMPRE ACREDITEI

O Deus em quem sempre acreditei é o Deus dos pobres que condena todo tipo de injustiça e corrupção (1,1-5; 2,21-24; 3,14-15; 5,8-9; 5,20-23). É o Deus que quer uma religião viva, baseada na defesa dos oprimidos (1,10-17). É o Deus que exige fidelidade, conversão e não conversa bonita (29,13; 1,18-20; 31,6). É o Deus que aposta num resto de pobres, nas crianças, nos menores abandonados (6,13; 7,14; 9,5-6; 11,1-9). É o Deus da esperança, o Deus que garante um Messias Salvador, pobre e libertador dos pobres (11,1-9; 29,18-20). É o Deus que dá graça, que toma iniciativa de salvação, da sua livre e espontânea vontade (29,14; 4,2-6; 7,14; 30,18-20). É o Deus protetor dos fracos (31,4-5; 27,2-5). É o Deus que clama e dá força para os seus profetas (6,1-9).

13 - FINALIZANDO

Quero terminar aqui o meu depoimento com algumas palavras de esperança que eu, em nome de Deus, dirigi ao meu povo num momento de muita crise e dificuldade: "A libertação vem chegando! Naquele dia os surdos ouvirão e os olhos dos cegos irão ficar livres da escuridão. Os mais pobres irão ficar felizes com o Senhor que é o Santo de Israel, porque Ele irá acabar com os opressores! (29,18-20). Sim, o nosso Deus é um Deus justo.

Felizes os que esperam n'Ele! Povo de Jerusalém, você não vai mais chorar. Quando você gritar pela dor. Ele vai lhe sustentar. Ele vai dar pão na hora da necessidade! (30,18-26). Aleluia! Todo louvor ao nosso Deus! Ele é a nossa salvação. Pobres todos exultem de alegria no Senhor!" (12,1-6).

ENTREVISTA COM ISAIAS

01 - podias, conte um pouco as suas origens. É verdade que você era da classe alta ? Como foi que você despertou para a vocação de profeta ? (1,1; 6,1-6).

02 - Como era a situação no seu tempo ? (1,21-24; 3,12-15; 3,16-24; 5,8; 5,20-23).

03 - Como foi sua atuação ? (mesmas citações da nº 2)

04 - Como foi sua posição diante da religião oficial ? (1,10-17; 29,13).

05 - Você se preocupava muito com as situações políticas do seu tempo ?

Como você agia ? (3,12-15; 7,1-14; 9,1-6; 10,5-6).

06 - Você falava tanto de um futuro melhor! Que tipo de futuro ? E quem iria fazer esse futuro ? (11,1-11).

07 - Você teve sucesso no seu trabalho ? (7,10-12; 8,12; 20,1-6).

08 - Qual a mensagem que quer deixar para nós ? (29,18-20; 30,18-27; 12,1-6; 1,18-20).

ISAIAS E NOS HOJE

1. O que mais lhe tocou, da vida do profeta Isaías ? Por que ?
2. Existem hoje situações parecidas ? Quais são ? Como a gente se posiciona frente a isso ?
3. Da vida e da missão de Isaías o que achamos mais atual hoje ? Por que ?
4. Isaías em nome de Javé sempre apostou nos pequenos. Para Isaías o

57

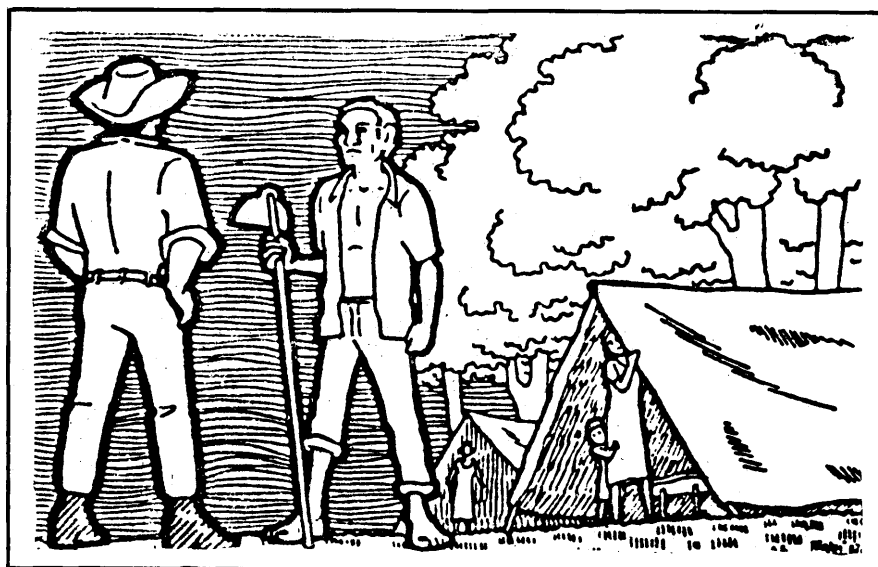
futuro melhor só podia vir dos pequenos organizados. A Igreja, a nossa comunidade e nós pessoalmente acreditamos nisso ? Quais os sinais ?

5. Isaías é o exemplo de uma pessoa estudada e bem de vida, que rompeu e optou em nome de Javé pelos últimos, os empobrecidos. Tem algum caso parecido também hoje ? Quem concretamente ?

6. Quais os apelos e as luzes que Isaías levanta para nós hoje ?

58

**MIQUEIAS: O CATEQUISTA E LÍDER CAMPONÊS
DEFENSOR DO SEU POVO**



01 - MINHA IDENTIDADE

Meu nome é Miquéias, palavra que em nossa língua significa "Quem é como Já vê". Nasci no interior do reino de Judá, numa pequena vila chamada Moreset, a 35 Km da capital Jerusalém (1,1; Jer 26,18).

Eu era lavrador e líder do povo camponês da minha vila. Fui contemporâneo de Isaías, que morava na capital.

02 - A SITUAÇÃO NO MEU TEMPO

A minha época foi um tempo de muitas guerras. Foram anos terríveis para o reino de Israel e para o nosso reino de Judá. A grande potência era a Assíria. No ano de 718, mais ou menos, o exército assírio invadiu e atacou o reino de Israel, porque não queria mais pagar os tributos. Cercou a capital Samaria. Foram três anos de cerco terrível. Por fim, Samaria, caiu, no ano de 721. Nós, os do Sul, acompanhávamos a trágica queda do reino de Israel. Foi

um abalo para todos nós. Afinal, tínhamos um passado em comum e a mesma fé em Javé.

Vinte anos mais tarde, o exército assírio invadiu o nosso País, porque nosso rei Ezequias tinha se revoltado contra a Assíria. Jerusalém foi cercada e só não caiu porque aconteceu uma epidemia terrível no meio dos soldados assírios. Foram anos de guerras, de violências incríveis, roubos, mortes, saques, milhares e milhares de camponeses foram deportados.(1,8-16).

Nós, os camponeses, estávamos sendo vítimas de um mal terrível: o latifúndio. O latifúndio destruiu nossas tradições, nossos costumes de vida. A maioria dos camponeses ficou sem terra. Viraram boia-frias. A expolição, a opressão e a exploração foram matando os camponeses aos poucos (2,1-2). Os donos do latifúndio moravam na cidade. A tensão e o conflito entre nós do campo e os ricos da cidade era grande. A capital era a morada dos opressores e exploradores.

Na capital, viviam os magistrados que controlavam o governo. Eles eram corruptos e verdadeiros assassinos dos camponeses. Expoliavam os camponeses. Esmigalhavam os lavradores como se faz com a carne na panela (3,1-4). Eram verdadeiros "açougueiros" dos pobres, privando os camponeses de qualquer direito e roubando deles a terra. Havia falsos profetas que profetizavam em troca de dinheiro. Defendiam os interesses

61

dos exploradores e dos opressores (3,5). Sacerdotes, chefes, falsos profeta todos dançavam ao ritmo do dinheiro (3,11). A ganância era incrível. Ficaram do lado da classe dominante da cidade. Realmente, para nós; camponeses, a situação era muito pesada. Éramos explorados pela Assíria e pelos chefes corruptos de Jerusalém.

03 - MINHA VOCAÇÃO

Não dava mais para ficar calado. Havia falsos profetas seduzindo enganando o povo (3,5). Isso era muito perigoso. Usavam a religião para sustentar o sistema instalado na capital.

Senti o chamado de Deus. A força do Espírito do Senhor tomava conta

de mim. Estava pronto para denunciar os pecados da nação (33). Comecei o meu trabalho lá pelo ano 725, durante a invasão do exército assírio no reino de Israel e do nosso País. Minha área de atuação foi Moreset, o lugar onde morava. Animei e organizei bastante os camponeses de lá. Algumas vezes fui à capital.

Sempre procurava enxergar nos acontecimentos os apelos de Deus. Mandei logo um recado ao reino do Norte, cuja capital Samaria estava sendo assediada pelo exército assírio. Disse para eles: "Atenção pessoal, escutei o Senhor Deus vai testemunhar contra vocês. Vocês desobedeceram a Deus. Foram atrás de deuses falsos. Vocês se prostituíram. Por causa disso a capital, Samaria, vai ser igual a um campo de minas. E todos os seus ídolos serão destruídos!" (1,2-7).

Mas as minhas denúncias foram sobretudo contra Judá. Vivíamos continuamente em estado de guerra, por causa dos governadores corruptos e insensíveis ao sofrimento dos camponeses. Eu usava todos os meios para alertar sobre a situação gravíssima. Gritava, gemia, andava descalço e seminudinho de vila em vila e até na capital (1,8).

Censurei o militarismo, a confiança no poder das armas como o pecado principal, porque toda força militar é expressão do orgulho humano e da falta de fé em Deus (1,13).

04 - MINHA ATUAÇÃO

i

Denunciei muito. Foram essas minhas maiores denúncias:

62

a) CONTRA OS GRANDES PROPRIETÁRIOS

"Ai daqueles que planejam crimes e tramam maldades em suas camas. Quando acordam, eles praticam o que planejaram. Cobiçam e roubam as terras dos camponeses, as suas casas e outros pertences das comunidades. E assim, oprimem o povo e destroem a organização fraterna do povo da roça. Mas o Senhor vai mandar uma desgraça contra essa quadrilha!" (2,1-5).

Para nós, tomar a terra dos camponeses é o mesmo que roubar a Deus porque nossos antepassados tinham decidido que a terra é de Deus e que havia sido entregue às tribos e às pequenas comunidades. Era proibido

roubar ou fazer negócio com a terra.

1)) CONTRA OS TUÍZES CORRUPTOS

"Que os juizes escutem! Vocês que têm todo o poder na mão. Por acaso o dever de vocês não é praticar o direito e defender os pobres ? Porque então são inimigos do bem e amigos do mal ? Vocês arrancaram a pele dos camponeses! Vocês esmigalham os ossos e espicassam o povo camponês como se faz com a carne na penela. Vocês devoram a carne dos pobres. Vocês são "açougueiros" dos pobres. Vocês privam o povo dos seus direitos. Não adianta vocês quererem enganar a Deus. O Senhor vai se afastar de vocês, pois vocês agiram mal!" (3,1-4).

c) CONTRA AS INTUSTICAS SOCIAIS

As injustiças eram demais e de todo tipo. Eu dizia: "Deus não suporta os pesos falsos de vocês, comerciantes! Vocês estão enganando os pobres. Vocês ricos estão cheios de violência. O povo do País vive numa mentira só. Só falam falsidade (6,9-12). Continuam cometendo os crimes do tempo do rei Acab, quando a idolatria e a violência contra os camponeses virou rotina. Um País assim não vai ter futuro. Só vai dar destruição e exílio (6,16). Ai de mim! A corrupção é tanta que o justo desaparece do País. As mãos são sábias só para fazer o mal. Os chefes são violentos, os juizes são corruptos e os poderosos são ambiciosos. Não se pode mais confiar no próximo, nem no amigo e nem mesmo com quem dorme junto!" (7,1-5).

d) CONTRA TERUSALÉM E O TEMPLO

No meu tempo, a moda era falar bem da nossa capital Jerusalém. Realmente era uma cidade linda, situada numa altura, com o grande templo e vários palácios construídos no tempo de Salomão. Sobretudo a elite exclamava: "Grande é a nossa capital! ninguém vai destruí-la! O nosso Deus protejo Jerusalém!" E no entanto, lá dentro se praticavam as piores injustiças

63

e corrupções. Eu não aguentei tanta hipocrisia e fui lá falar em praça pública nos seguintes termos: "Ouçam, chefes e juizes, vocês fazem julgamentos abomináveis e torcem os direitos. Vocês constróem Jerusalém em cima do sangue e do crime. Os chefes julgam depois de exigirem subornos. Os sacerdotes ensinam só na base de dinheiro e os falsos profetas, profetizam por pagamento. Não adianta dizer: "Deus está do nosso lado". É pura ilusão. Por culpa de vocês Jerusalém vai virar um montão de ruínas e agora onde está o templo só vai ser mato!" (3,9-12).

Falei muito duro. Era considerado crime falar contra o templo. Mas eu não me calei. Os chefes não gostaram das minhas acusações. Fui preso, Felizmente o rei Ezequias acreditou naquilo que eu disse, me mandou soltai e muitos fizeram penitência (Jer 26,18-! 9).

e) CONTRA OS FALSOS PROFETAS

No meu tempo, havia muitos falsos profetas. Eles não eram fiéis às exigências do Senhor. Pelo contrário, se vendiam ao dinheiro e ao poder,

Confundiam o povo. Não queriam que eu denunciasse. Eles diziam: "Não adianta você falar assim. Essa desgraça não nos atingirá, porque o Senhor é bom e é paciente" (2,6). Mas eu continuei denunciando a dizia para eles "O Senhor é testemunho contra vocês, falsos profetas que enganam o povo, que falam de paz aos que vos dão presentes e falam de guerra aos que nada vos oferecem. O Senhor vai tirar de vocês a profissão. Vocês serão desmoralizados e humilhados!" (3,5-7).

Os pobres sofriam todo tipo de exploração. As dívidas dos pobres eram tantas que até a roupa de frio lhes era tomada à força. As esposas eram obrigadas a deixar o lar em busca de trabalho, as crianças eram vendidas como escravas, provocando assim a desintegração das famílias. Os juros eram cobrados sobre qualquer coisa, tomando assim mais endividados ainda os pobres. Tudo isso era contra as nossas leis antigas (2,8-10). Como se podia ficar calado diante dessa situação ?

05 - O POVO DE DEUS É UM POVO DE POBRES

Eu falava muito em "meu povo". Sabem quem é o povo de Deus ? Eu sempre falava em nome de Deus. Olhava para a realidade e procurava enxergar por aí os apelos de Deus. Num mundo dividido entre explorado* e expoliados, eu via o povo de Deus no povo dos pobres. Sim, os pobres. O! humilhados, os camponeses roubados e esmigalhados, são o povo de Deus. Os indivíduos, as crianças vendidas como escravas, as mulheres obrigadas

64

a se separarem de seus lares, os despojados de suas roupas de frio são o povo de Deus (2,8-10). O povo de Deus são os camponeses sem terra, as vítimas do latifúndio e da ganância de uns poucos (2,1-3). São também os moradores de Jerusalém, os desesperados e angustiados por causa do exército assírio. (1,9). Enfim, povo de Deus são os coxos, os repudiados, os expulsos, os dispersos, os aflitos, os exilados (4,6-8). Toda essa gente é "meu povo", povo de Deus. São os preferidos de Deus.

Os arrogantes, os juizes corruptos, os chefes prepotentes, os que devoram os camponeses e os falsos profetas, vendidos ao dinheiro e ao poder, não são do povo de Deus. E não vão ser nunca. A religião deles é pura conversa e mentira.

06 - A ESPERANÇA ESTA NO POVO DE DEUS

A situação era mesmo de desespero. Tudo parecia sem futuro e sem saída. Havia guerras, brigas, corrupções e explorações. Como exergar um futuro melhor ?

Eu denunciava todas essas coisas erradas. Mas confesso que nunca percei a esperança. *E s raiz deséi ffitnrtá éspēranÇí €f& uma" téimbs{!V€l Rã* presença libertadora do nosso Deus. Sim, no dia em que o povo voltar de verdade para Javé, então haverá de novo paz, liberdade e justiça. Baseado nessa esperança, falei assim em nome de Deus: "Um dia o meu povo se converterá ao Senhor e Ele será assim o nosso Deus. Então não haverá mais guerra. Em lugar de espada, haverá arado para preparar a terra. Em lugar de lanças haverá podadeiros para colher frutas. Os camponeses poderão viver felizes e sossegados em suas terras. Serão tempos de grandes farturas!" (4,1-4).

O Senhor iria realizar esses tempos bons através de um pequeno resto de povo. Esse resto era os pobres, os estropiados, os oprimidos, os dispersos (4,6-7).

Eu tinha certeza disto: os pobres seriam a única garantia de um futuro melhor. Eu não confiava mais na capital, nos palácios, nos reis poderosos. De lá só saía corrupção, injustiça, briga, morte e opressão. A esperança eram os pobres, oprimidos do interior.

Lembrei-me então de Belém, um lugarzinho insignificante do interior perto da capital. Inspirado por Deus, disse que de Belém virá aquele que vai

65

realizar os tempos novos: "E tu, Belém, pequena demais para ser contada entre as aldeias da tribo de Judá. É de ti que vai sair aquele que deve governar Israel. A origem dele vem de um passado distante. Ele se colocará de pé e guiará o seu rebanho com autoridade do Senhor. Ele mesmo será a paz!" (5,1-4).

07 - A INGRATIDÃO DO POVO E O CONVITE DE DEUS

O nosso Deus é um Deus fiel e exige fidelidade de nossa parte. Eu denunciava a ingratidão do povo. ^Quem tem queixas contra o nosso Deus ? Podem falar... Vocês não têm o que dizer, mas o Senhor tem uma

questão com vocês. Escutem o que diz o Senhor nosso Deus: O meu povo, em que te maltratei ? responde-me! Por que tanta ingratidão ? Quem foi que te tirou da escravidão do Egito ? Quem foi que te conduziu e te defendeu pelo deserto ? Responde-me!"⁷ (6,1-5).

Aí, fui lembrando o que Deus queria de nós, quais os seus apelos.

Então, eu falei e disse: "Se alguém perguntar: Como posso me apresentar a Deus ? Será que eu vou ter que oferecer bezerras de presente ? Será que ele vai aceitar milhares de carneiros e centenas de litros de azeite ? Ou será necessário sacrificar meu filho para pagar os meus pecados ? Nada disso! Escutem o que diz o Senhor: Eu já falei, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige de ti. O que Deus quer de ti é apenas QUE PRATIQUES A JUSTIÇA, QUE AMES COM TERNURA E QUE TE COMPORTE COM HUMILDADE DIANTE DO TEU DEUS!" (6,6-8).

08 - O DEUS EM QUEM SEMPRE ACREDITEI

Nós, camponeses do interior, nunca esquecíamos o que nossos pais nos contavam: a libertação da escravidão do Egito (6,4-5; 7,15), por obra de Deus. Sim o nosso Deus é o libertador, é o Deus defensor dos pobres, dos sem terra, dos expoliados (2,1-5; 3,1-4). É o Deus que não suporta suborno, cobiça e ganância (3,11). É o Deus que não se deixa enganar por conversas bonitas (3,11; 2,6-7). E o Deus que confia nos pequenos (5,1) e aposta na organização dos pobres (4,6-7). E o Deus que não gosta de cultos vazios. O

nosso Deus é fiel e exige fidelidade. O que Deus quer de nós é o seguinte: defender os direitos dos pobres, praticar o amor e a solidariedade entre os pobres e viver em profunda comunhão com Ele (6,8).

09 - FINALIZANDO

Minha vida não foi fácil. Para convencer o povo, andava semi-nú e descalço (1,8). Os falsos profetas quiseram desmoralizar-me (2,6). Mas o Senhor sempre me animou, me deu forças e coragem (3,8; 7,7).

Quero terminar o meu depoimento com uma oração que fiz ao

Senhor, pensando muito na vida do povo: "O Deus, apascenta o teu povo com o cajado. Que haja vida e fartura como nos tempos antigos. Faze-nos ver maravilhas como nos dias da saída do Egito. Que as nações vejam e se envergonhem, apesar de todo o seu poderio. Que ponham a mão na boca e seus ouvidos fiquem surdos. Que lambam o pó como a serpente, como animais que rastejam a terra. Será que há deus igual a ti, que tiras a culpa e perdoa os crimes, que não guarda para sempre sua cólera, porque preferes o amor ? Sim, tu voltarás a ter misericórdia de nós, calçarás aos pés as nossas faltas e lançarás no fundo do mar todos os nossos pecados! E concederás amor e fidelidade ao teu povo para sempre !" (7,14-20).

ENTREVISTA COM MIQUÉIAS

01 - Miquéias, de onde você é ? (1,1). Qual a sua profissão ? Em que época você foi profeta ? (1,1).

02 - Havia guerras no seu tempo ? (1,2-16). Como era a situação do povo ? (2,1-9; 3,1-4).

03 - Como foi sua atuação de profeta ? (2,1-2; 2,8-10; 3,1-4).

04 - Qual a sua impressão sobre os falsos profetas e o templo ? (3,5-12).

05 - Qual a saída que você apontou ? (4,6-8; 5,14).

06 - Quem era o povo de Deus ? (2,1-3; 2,8-10; 4,6-8).

07 - Qual a mensagem que você deixa para nós ? (6,8).

MIQUÉIAS E NOS HOJE

1. O que mais tocou do profeta Miquéias ? Por que ?

67

2. Quem são hoje os falsos profetas ? Onde estão ? Como atuam ?

3. O Deus de Miquéias, podemos dizer que é também o nosso ? Como concretamente ?

4. Miquéias fala muito em "meu povo ", o povo de Deus. Quem é hoje o "povo de Deus" no sentido que Miquéias fala ?

5. Que significa ser hoje profeta no estilo Miquéias ?

6. Tem pessoas hoje peraddas com o profeta Miquéias ? Quem são concretamente ?

